

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Curso de História

Paulo Augusto Naoum Sousa

**Estranha oposição: o relacionamento diplomático e
militar entre Esparta e a Macedônia durante os
reinados de Filipe II e Alexandre III.**

Brasília

2014

Paulo Augusto Naoum Sousa

**Estranha oposição: o relacionamento diplomático e
militar entre Esparta e a Macedônia durante os
reinados de Filipe II e Alexandre III.**

Monografia apresentada ao Departamento de História do
Instituto de Ciências Humanas da Universidade de
Brasília para a obtenção do grau de bacharel em História.

Data da defesa oral: 11/06/2014.

Membros da Banca Examinadora:

Prof. André Leme Lopes (orientador);

Prof. Vicente C. R. A. Dobroruka;

Prof. Henrique Modanez de Sant'Anna.

Brasília

2014

Resumo

A monografia a seguir discute o relacionamento diplomático e militar estabelecido entre a cidade de Esparta e o reino da Macedônia durante os reinados de Filipe II e seu filho Alexandre III. Apesar da aparente passividade inicial, pretende-se demonstrar que uma rígida oposição, causada por interesses conflitantes, se criou e acabou por irromper entre ambos Estados. E, em conclusão, são apresentados os resultados desse conflito e suas consequências para os subseqüentes eventos da história grega.

Palavras chave: Esparta, Macedônia, diplomacia, história militar.

Abstract

The following dissertation discusses the diplomatic and military relationship established between the city of Sparta and the kingdom of Macedon during the reigns of Philip II and his son Alexander III. Despite the apparent initial passivity, it intends to demonstrate that a rigid opposition, caused by conflicting interests, was created and eventually erupted between both states. And, in conclusion, the results of this conflict and its consequences to the subsequent events of Greek history are presented.

Key words: Sparta, Macedon, diplomacy, military history.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	4
2 A CRISE DE ESPARTA E A ASCENSÃO DA MACEDÔNIA.....	5
2.1 A perda da hegemonia espartana.....	5
2.2 A subida de Filipe ao trono.....	8
2.3 A Terceira Guerra Sagrada.....	12
2.4 Confrontos no Peloponeso.....	14
2.5 Planos para o outro lado do Egeu.....	15
2.6 A queda da Liga da Calcídica.....	16
2.7 O decreto de Filócrates e o fim da Terceira Guerra Sagrada.....	17
3 A IMPOSIÇÃO DA HEGEMONIA MACEDÔNIA NA GRÉCIA.....	21
3.1 Contratempos diplomáticos.....	21
3.2 A campanha na Trácia e os cercos de Perinto e Bizâncio.....	23
3.3 A última campanha de Filipe na Grécia.....	24
3.4 O Congresso e a Liga de Corinto.....	28
4 ESPARTA E A HEGEMONIA MACEDÔNIA SOB ALEXANDRE.....	29
4.1 A morte de Filipe e a sucessão de Alexandre.....	29
4.2 A revolta e a destruição de Tebas.....	30
4.3 O levante de Ágis.....	31
5 INTERPRETAÇÕES E CONCLUSÕES.....	34
5.1 A estratégia macedônia no Peloponeso.....	34
5.2 Esparta em face do isolamento.....	38
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

O ano de 338 a.C. é geralmente lembrado como aquele que “colocou um fim à gloriosa soberania e à antiga liberdade de toda a Grécia”¹. Nesse fatídico período da história, Filipe II, monarca macedônio, marchou com seu exército sobre as cidades gregas. Para barrar o avanço do invasor, uma aliança foi formada entre Atenas, Tebas e outras cidades-Estado. Notavelmente, os espartanos, sempre indispostos com quaisquer outros que aspiravam à hegemonia na Grécia, especialmente no Peloponeso, não se juntaram à aliança ou contribuíram para a defesa da região.

A batalha decisiva foi travada em Queroneia e os macedônios levaram a melhor. Após alcançar a vitória, Filipe convocou uma assembleia para representantes de todas as cidades-Estado da Grécia continental em Corinto. No encontro, uma proposta de paz comum (*koinéiréne*) foi feita, seguindo a linha de tratados semelhantes celebrados entre os gregos ao longo do século IV a.C. Sendo assim, como forma de buscar a concórdia para a Grécia, os princípios de liberdade e autonomia das cidades-Estado foram reafirmados. Um conselho (*synédrión*) também foi criado, com representantes de todas as cidades participantes, para tomar as decisões da Liga e manter a paz.

No entanto, por baixo desse verniz de concórdia e autonomia, a Liga de Corinto na verdade impunha sobre os gregos a submissão aos macedônios. Tanto foi assim que Filipe foi escolhido para ser líder (*hēgemōn*) da Liga e comandante da iminente guerra contra o Império Persa. Mais uma vez, apenas os espartanos se mantiveram fora do tratado e, conseqüentemente, da esfera de submissão formal à Macedônia.

Pouco tempo depois, em 336 a.C., Filipe foi assassinado e seu filho Alexandre III, posteriormente cognominado “o Grande”, assumiu o trono. Ele levou seu exército até Corinto e pressionou os gregos a lhe concederem o cargo de *hēgemōn* e o comando na guerra contra os persas. Por mais uma vez ainda, Esparta permaneceu à parte e recusou a se integrar à campanha liderada pelo novo monarca.

Ela foi a única cidade ao sul do Olimpo, em todo esse tempo, que não reconheceu espontaneamente a hegemonia macedônica ou foi pressionada de alguma forma a entrar na

¹ JUSTIN, IX.3. Todas as traduções do inglês para o português são minhas. Em inglês: “[...] put an end to the glorious sovereignty and ancient liberty of all Greece”.

Liga de Corinto. Estranha também é a relativa passividade demonstrada por ela ante o processo de subjugação da Grécia até agora descrito. Afinal, como o levante do rei Ágis III provou mais tarde, os espartanos não eram entusiastas do domínio macedônico.

Este trabalho, portanto, tem como objetivo analisar os motivos das posturas tanto dos monarcas Filipe e Alexandre em relação aos espartanos como destes em relação àqueles. Buscar-se-á demonstrar que, em ambos os casos, tratava-se de escolhas estratégicas pautadas em razões políticas e militares. Serão levados em consideração também os desdobramentos a curto prazo dessas estratégias e a forma como eles afetaram os subsequentes eventos da história grega.

Para aqueles que possam criticar o objeto de estudo proposto – e o trabalho em si – por serem excessivamente políticos e antiquados, eu me justifico apelando para as palavras de outro:

Com relação à Grécia antiga, é difícil, e não totalmente desejável fugir totalmente da abordagem ‘reis e batalhas’. Em muitos casos, as cidades gregas foram forjadas na bigorna da guerra, e o desenvolvimento da civilização e da cultura gregas foi crucialmente afetado, tanto positiva e negativamente, por determinadas guerras²

Antes, no entanto, de empreender a análise propriamente dita do tema, é preciso recuar um pouco no tempo e tentar estabelecer melhor os fatos que levaram às circunstâncias a serem estudadas. Do contrário, uma pesquisa e uma reflexão um pouco mais aprofundada sobre o objeto aqui enunciado não seriam possíveis.

2A CRISE DE ESPARTA E A ASCENSÃO DA MACEDÔNIA

2.1 O fim da hegemonia espartana

² Ver CARTLEDGE, Paul (org.). *Grécia Antiga*. São Paulo: Ediouro, 2009, 2ª ed., p. 22.

Segundo Aristóteles, para os espartanos a batalha de Leuctra, travada em 371 a.C. contra os tebanos sob a liderança de Epaminondas, foi “um único golpe” que levou seu Estado a perecer³. E ele não exagerava tanto ao fazer essa afirmação.

Empregando uma tática de avanço oblíquo, em que a ala mais forte e preparada de seu exército engajava as unidades inimigas em sua frente enquanto a ala mais fraca apenas mantinha o restante dos adversários em posição, tudo isso combinado com ações de cavalaria pelos flancos, o líder tebano conseguiu alcançar uma vitória repleta de consequências. Apenas dos cidadãos espartanos plenos (*spartiatai* ou *homoioi*), sem contar outros lacedemônios e aliados, caíram nessa batalha cerca de quatrocentos. Um de seus reis, Cleombroto, também morreu lutando⁴.

Além de perder muitos de seus homens, a derrota acabou por custar para Esparta a posição de hegemonia que ela vinha exercendo na Grécia continental desde sua vitória sobre os atenienses na Guerra do Peloponeso. Na verdade, a cidade havia ficado tão impopular perante os demais gregos por causa de sua desmesurada prepotência e violência no exercício da supremacia que muitos de seus próprios aliados não ficaram nada pesarosos em vê-la derrotada por Tebas. Concomitante a essa decaída em termos de poder, e muito provavelmente subjacente a ela, o Estado já vinha sofrendo uma carência aguda de homens capazes de integrar o exército como cidadãos plenos⁵.

Aristóteles nos diz que, algumas décadas depois de Leuctra, os espartanos propriamente ditos, cidadãos-soldados, não contavam mais de mil. Ele atribui esse fato ao regime de posse de terras em Esparta, o qual não permitia que uma propriedade fundiária fosse vendida, porém não estabelecia restrições para as doações em forma de dotes ou heranças para quem quer que seja. Tais configurações acabaram por gerar grande desigualdade, isso sem dizer que quase dois quintos de todas as terras, principalmente por meio de dotes, acabaram nas mãos de mulheres⁶. Sendo assim, era impossível para muitos fazerem as contribuições necessárias para participarem das refeições comuns (*syssitia* ou *syskania*) e integrarem o corpo de cidadãos.

³ ARISTOTLE, *Politics*. II.1270a. Em inglês: “[...] a single blow [...]”.

⁴ XENOPHON, *A History of my Times (Hellenica)* VI.4.2 - 15; DIODORUS SICULUS, XV.51.1 - 56.4; PLUTARCH, *Pelopidas* XX.1 - XXX.4. Ver também CARTLEDGE, Paul. *Hellenistic Sparta*, p. 3. In: _____; SPAWFORTH, Antony. *Hellenistic and Roman Sparta: a tale of two cities*. Londres: Routledge, 2002, 2ª ed., p. 1 - 90; HAMMOND, N. G. L. *A History of Greece to 322 B.C.* Nova Iorque; Oxford University Press, 1959, 3ª ed., p. 493 - 494.

⁵ XENOPHON, *A History of my Times (Hellenica)* VI.4.15. Ver também CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 3 e p. 6

⁶ ARISTOTLE, *op. cit.*, *ibidem*. Ver também CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 6 e p. 42 - 43; HAMMOND, *op. cit.*, p. 441 - 442.

Aproveitando-se da fraqueza de seus vizinhos, os arcádios, após formarem uma Liga unindo suas cidades, e os eleatas, os quais antes, como outros peloponésios, eram forçados a se aliarem aos espartanos, se voltaram contra eles. Junto com os argivos, os tradicionais rivais de Esparta na região, eles acabaram por instigar os tebanos, mais uma vez liderados por Epaminondas, a entrarem no Peloponeso e invadirem a Lacônia⁷.

Mesmo que a cidade em si não tenha sido tomada, e há quem diga que essa não era a prioridade da campanha, a invasão se mostrou fatal para Esparta. Epaminondas não apenas ajudou na consolidação da Liga da Arcádia, ao incitar os arcádios a posteriormente construírem a sua capital batizada como Megalópolis, a qual também serviria para barrar avanços espartanos contra a Arcádia e a Messênia, e ao reunificar a cidade de Mantinea a partir de seus vilarejos, como também construiu a cidade de Messene e a povoou com messênios de todos os cantos, além ter deixado lá uma guarnição tebana para defendê-la⁸.

Esse foi um golpe devastador tanto política como social e economicamente para Esparta. A cidade, tendo perdido muitos dos seus antigos “aliados” e visto a Liga do Peloponeso desaparecer, ainda perdeu a maior parte de seus domínios na fértil Messênia. Assim, os espartanos também se viram privados, ao serem transformados muitos messênios em cidadãos da cidade recém-criada, de grandes contingentes de hilotas, a população agricultora servil responsável pelo sustento da classe de cidadãos-guerreiros, já bastante diminuída. Para completar a decaída do status de grande potência, Esparta passou a estar, então, literalmente cercada e fisicamente impedida de recuperar a preponderância e o espaço perdido não só pelas novas e hostis cidades de Megalópolis e Messene, mas também pelos outros arcádios e pelos argivos⁹.

Surpreendentemente, nesse momento de grande adversidade, um antigo inimigo de Esparta veio em seu socorro. Atenas, a qual, com a reinstituição da sua Liga marítima, ambicionava recriar o seu império do século passado e que havia anteriormente se aliado à Tebas contra Esparta, passou a olhar com suspeitas o crescimento do poder dos tebanos.

⁷XENOPHON, *A History of my Times (Hellenica)* VI.5.2 - VI.5.24 e *Agésilau*.II. 24; DIODORUS SICULUS, XV.60.1 - 4 e 62.1 - 5. Vertambém CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 4; HAMMOND, *op. cit.*, p. 496.

⁸DIODORO, XV. 66.1 - 67.1; PLUTARCH *Peopidas*.XXIV.5 e *Agésilau*XXXIV.1; PAUSANIAS, VIII.8.10, 27.1 - 2 e IX.14.2; DINARCHUS, I.73. VertambémCARTLEDGE, *op. cit.*, p. 5; HAMMOND, *op. cit.*, p. 496 - 497.

⁹ISOCRATES, VI.28 e 88.Vertambém HAMMOND, *op. cit.*, p. 497; CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 5 - 6.

Sendo assim, os atenienses enviaram tropas para auxiliar os espartanos durante a invasão da Lacônia e concluíram logo em seguida uma aliança com eles ¹⁰.

Isso não impediu que o Peloponeso fosse invadido mais três vezes pelos tebanos e seus aliados, até que, na última delas, em 362 a.C., a batalha de Mantinea foi travada entre Esparta, Atenas e seus aliados contra Tebas e os seus. O confronto foi bastante disputado. Os tebanos levaram uma relativa vantagem em termos militares, mas perderam seu comandante, Epaminondas. Assim, ambos os lados desejavam reclamar para si a vitória. No entanto, logo em seguida um acordo de paz comum foi celebrado entre os participantes do conflito, provavelmente invocando os ideais de autonomia e liberdade para as cidades-Estado. Os espartanos, sem poder aceitar a participação de Messene no tratado, o que seria o mesmo que reconhecê-la como Estado independente, foram os únicos a se manterem de fora do tratado de paz ¹¹.

Nos anos subsequentes à batalha de Mantinea, Esparta, desprovida de recursos e de um grande poderio militar, se viu forçada a se envolver em campanhas mercenárias como forma de arrecadar fundos para levar adiante os conflitos contra os messênios, os arcádios e os argivos. Foi assim que o rei Agesilau, já avançado em idade, foi parar no Egito para lutar a favor dos rebeldes egípcios contra o Império Persa, o que rendeu grandes riquezas para sua cidade natal ¹².

2.2 A subida de Filipe ao trono

Enquanto isso, em 359 a.C., um certo Filipe, com cerca de apenas vinte e três anos, assumia o trono da Macedônia em uma situação bastante desconfortável. Na verdade, já havia

¹⁰ XENOPHON, *A History of my Times (Hellenica)* V.4.34, VI.5.33 - 52 e VII.1.1 - 14; DIODORUS SICULUS, XV.28.2 - 5, 63.1 - 2 e 67.1. Ver também CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 4; HAMMOND, *op. cit.*, p. 499.

¹¹ XENOPHON, *A History of my Times (Hellenica)* VII.1.15 - 22, 41 - 43 e 5.4 - 27; DIODORUS SICULUS, XV.68.1 - 70.1, 75.2, 82.1 - 87.6 e 89.1 - 2; PLUTARCH, *Agesilaus* XXXV.2 - 3. Ver também CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 6 - 8; HAMMOND, *op. cit.*, p. 499, p. 503 - 504 e p. 506 - 511.

¹² XENOPHON, *Agesilaus* II. 25 e 28 - 31; DIODORUS SICULUS, XV.92.2 - 93.6; PLUTARCH, *Agesilaus* XXXVI.1 - XL.1. Ver também CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 8.

bastante tempo que os macedônios e seu reino eram usados como peões pelas cidades de Esparta, Atenas e Tebas em sua busca por hegemonia ou estavam à mercê de seus vizinhos¹³.

O pai de Filipe, o rei Amintas, por exemplo, havia sido derrotado pelos ilírios, situados a oeste, já no início de seu reinado, em 393 a.C., e havia perdido a autoridade sobre o reino. Um certo Argeu parece ter reinado em seu lugar por dois anos, provavelmente com o apoio das cidades da Liga da Calcídica, até que os tessálios lhe ajudaram a recuperar sua coroa¹⁴.

Dez anos mais tarde, Amintas foi novamente derrotado pelos ilírios, perdeu o controle de certas áreas do território e foi forçado a pagar tributos. A expansão empreendida pela Liga da Calcídica também o obrigou a ceder-lhes algumas de suas cidades ao sul, incluindo a maior delas, Pela. Em 382 a.C., para retomar a soberania política, Amintas teve que apelar para os lacedemônios, os quais enviaram um exército para conter a Liga da Calcídica¹⁵.

Amintas faleceu em 369 a.C., deixando o trono para seu filho mais velho, Alexandre. Este, na ocasião, teve que comprar a paz dos ilírios e, obrigado a fazer uma aliança com os tebanos, enviou seu irmão mais novo, Filipe, como refém para Tebas, onde ele ficou hospedado na casa de pessoas próximas a Epaminondas e Pelópidas, os tebanos responsáveis por derrotar os espartanos. Sugere-se inclusive que o jovem refém teria apreendido nesse período as noções de diplomacia e táticas de guerra dos líderes tebanos, as quais ele mesmo utilizaria e desenvolveria posteriormente¹⁶.

Alexandre reinou apenas por um ano e foi assassinado por seu cunhado e amante de sua mãe, Ptolomeu de Alorus, o qual passou a atuar como regente para o outro irmão, Pérdicas. Como se já não houvesse conturbação suficiente, durante essa regência um pretende ao trono, Pausânias, “favorecido pela situação e pelo apoio de muitos entre o povo”¹⁷, tentou tomar o poder fazendo uso de soldados gregos. Se não fosse pela intervenção do general ateniense Ifícrates, o qual havia sido enviado para a costa do Egeu ao sul da Trácia pelos

¹³ JUSTIN, IX.8; DIODORUS SICULUS, XVI.1.3 e 95.1. Vertambém ELLIS, J.R. *Philip II and Macedonian Imperialism*. Princeton: Princeton University Press, 1986, p. 8 e p. 44; HAMMOND, *op. cit.*, p. 535 - 536.

¹⁴ DIODORUS SICULUS, XIV.92.3 - 4; ISOCRATES, VI.46. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 42; HAMMOND, *op. cit.*, p. 536.

¹⁵ DIODORUS SICULUS, XV.19.2 - 3 e XVI.2.2; XENOPHON, *A History of my Times (Hellenica)* V.2.12 - 13, 20 - 22 e 37 - 3.26; Vertambém ELLIS, *op. cit.*, *ibidem*; HAMMOND, *op. cit.*, *ibidem*.

¹⁶ DIODORUS SICULUS, XV.60.3 e 67.4; JUSTIN, VII.4 - 5; PLUTARCH, *Pelopidas* XXXVI.4 - 5. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 43; HAMMOND, *op. cit.*, p. 536 - 537.

¹⁷ AESCHINES, II.27. Em inglês: “[...] favoured by opportunity and the support of many of the people [...]”.

atenienses para recuperar sua antiga colônia de Anfípolis, agora independente, Pausânias poderia ter sido bem sucedido ¹⁸.

Ptolomeu de Alorus governou por três anos e, em 364 a.C., foi por sua vez assassinado por Pérdicas, irmão de Filipe, o qual reinou, então, por cinco anos. Durante seu reinado, ele apoiou Anfípolisem sua luta contra os comandantes atenienses que tentavam recapturá-la. Animado com o sucesso, Pérdicas decidiu enfrentar o velho inimigo e, derrotado em batalha contra os ilírios, acabou perdendo sua vida junto com outros quatro mil soldados macedônios. Foi então que Filipe chegou ao trono. Se bem que ele parece ter atuado primeiro como regente do filho de Pérdicas, até acabar por tomar a coroa ¹⁹.

As circunstâncias em que o novo monarca assumiu dificilmente poderiam ser piores. Os ilírios ocupavam parte do território da Alta Macedônia, a oeste, e faziam preparativos para uma invasão do restante. Os Peônios, vizinhos do noroeste, aproveitavam da fraqueza do reino para pilhar suas terras. Pausânias, o mesmo que tentou tomar o trono de Alexandre, irmão de Filipe, contava agora com o apoio de um rei trácio para fazer isso, provavelmente Cotys ou um de seus filhos. Além dele, os atenienses, ainda interessados na recuperação de Anfípolis, também despacharam uma força naval com três mil hoplitas para reinstalar no trono Argeu, que já o havia roubado de seu pai uma vez ²⁰. “Raramente poderia um Estado ter se aproximado do total desmembramento sem ter terminantemente desintegrado” ²¹.

Filipe, entretanto, foi capaz de lidar com a situação. Com uso de diplomacia e presentes, ele conseguiu ganhar para sua causa o rei trácio que apoiava Pausânias. De maneira similar, ele foi capaz de persuadir os peônios pela paz. Quanto a Argeu, que contava com o apoio de Atenas, Filipe o emboscou perto de Egas, antiga capital da Macedônia, e dizimou muitos de seus soldados. Em seguida, para chegar a um entendimento com Atenas, ele libertou sem resgate os soldados atenienses capturados nessa batalha e retirou as forças macedônias situadas em Anfípolis, reafirmando a autonomia da cidade e dando a entender que

¹⁸ AESCHINES, II.27 - 29; DIODORUS SICULUS, XV.71.1; PLUTARCH, *Pelopidas* XXVII.2 - 3; JUSTIN, VII.4 - 5. Ver também ELLIS, *op. cit., ibidem*.

¹⁹ AESCHINES, II.29 - 30; DIODORUS SICULUS, XV.77.5, XVI.2.4 - 5; JUSTIN, VII.5. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 44 e p. 47; HAMMOND, *op. cit., ibidem*.

²⁰ DEMOSTHENES, XXIII.8; DIODORUS SICULUS, XVI.2.6, 3.3 e 4.4. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 45; HAMMOND, *op.cit.*, p. 537.

²¹ ELLIS, J.R, *op.cit., ibidem*. Em inglês: “Seldom can any state have been so nearly approached total dismemberment without utterly disintegrating”.

ele não tinha pretensões sobre ela. Em consequência, um acordo de paz foi celebrado entre o rei macedônio e Atenas, o que também serviria para protegê-lo da Liga da Calcídica²².

No ano seguinte, aproveitando-se da paz celebrada com Atenas e da morte do rei dos peônios, Ágis, Filipe invadiu a Peônia, derrotou os adversários em batalha e os obrigou a se aliarem a Macedônia. Logo depois, convencido de que a melhor forma de superar o recente revés contra os ilírios e a baixa moral do exército era com uma vitória esmagadora, o monarca macedônio marchou com seu exército contra os vizinhos do oeste. Na ocasião, ele contava com dez mil soldados de infantaria e seiscentos cavaleiros. Bardilis, rei dos ilírios, ao tomar conhecimento do avanço, mandou emissários propondo paz com a condição de que cada lado mantivesse o território que detinham até o momento. Filipe, em resposta, declarou que somente aceitaria a paz se os ilírios se retirassem do território macedônio. Estes se recusaram e uma dura batalha se seguiu, na qual o monarca macedônio, atacando com sua infantaria frontalmente e com a cavalaria pelos flancos, saiu vitorioso, causando a morte de cerca de sete mil dos inimigos. Um acordo de paz foi concluído após o enfrentamento, de acordo com o qual os ilírios cederiam a Filipe todo o território até a região do Lago Licnidos, na fronteira oeste da Alta Macedônia²³.

A derrota dos ilírios também foi de grande valia para os epirotas, os quais costumavam ser atacados por eles. Portanto, foi com o propósito de estabelecer uma aproximação e um alinhamento com a casa real e o reino do Épiro que Filipe, provavelmente em 357 a.C., se casou com a princesa Olímpia, sobrinha do então rei Arrybas e filha do antigo rei Neoptólemo. Foi desta mulher que, no ano seguinte, nasceu seu filho Alexandre²⁴.

Nesse meio tempo, Atenas entrou em guerra com seus aliados de Bizâncio, Quios, Rodes e Cós, os quais eram ajudados por Mausolo, sátrapa da Caria. A chamada Guerra Social iria atrair completamente as atenções dos atenienses de 357 a.C. até 355 a.C, quando terminaria com um acordo de paz e o reconhecimento da autonomia dessas localidades. Esse acontecimento gerou uma reviravolta no tabuleiro diplomático. Filipe, que não podia mais contar com o apoio ateniense para se defender da Liga da Calcídica, decidiu tomar de uma vez a cidade de Anfípolis e, em seguida, Pidna, ocupada por forças atenienses. Atenas, como era

²²DIODORUS SICULUS, XVI.3.3 - 6 e 4.1; JUSTIN, VII.6. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 48 - 52; HAMMOND, *op. cit., ibidem*.

²³DIODORUS SICULUS, XVI.4.2 - 7 e 8.1; JUSTIN, VII.6. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 56 - 58; HAMMOND, *op. cit.*, p. 537 - 538.

²⁴DIODORUS SICULUS, XV.13.2 - 3; JUSTIN, VII.6; PLUTARCH, *Alexander* II.1 - 4 e XI.1. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 61 - 62; HAMMOND, *op. cit.*, p. 538.

de se esperar, declarou guerra, mas não havia muito mais que pudesse fazer naquele momento. O monarca macedônio, então, se aliou a Liga da Calcídica, tomando a cidade de Potideia e entregando-a para eles ²⁵.

Filipe também encontrou uma maneira de ampliar as receitas de seu Estado. Ele se apossou da cidade de Crenides, fundada alguns anos antes por colonos da ilha de Thasos perto do monte Pangeu na Trácia, a expandiu, povoou com colonos e fortificou. Ele também reformou suas minas de ouro e prata, de forma que elas passaram a lhe proporcionar uma receita anual de cerca de mil talentos. Alarmados com esse crescimento do poder da Macedônia, os reis dos Trácios, Peônios e Ilírios decidiram se aliar para enfrentar Filipe em 356 a. C. Este, no entanto, os atacou rapidamente antes que pudessem unir suas forças, os derrotou e os obrigou a se aliarem a ele ²⁶.

2.3A Terceira Guerra Sagrada

Enquanto isso, fócios e tebanos se envolveram em um confronto que duraria de 356 a.C. a 346 a.C. e serviria como porta de entrada para Filipe na Grécia continental. A Guerra Sagrada teve início quando o Conselho Anfictiônico, responsável pela proteção do Oráculo de Delfos e pela tomada de decisões relativas a ele, decidiu passar uma multa, sob influência de Tebas, contra os fócios por cultivarem em solo sagrado. Em resposta, Filomelo, eleito comandante supremo (*stratēgós autokrator*) de toda a Fócida logo em seguida, em vista do tamanho da multa e alegando reivindicações históricas sobre a região, convence seus conterrâneos a se apoderarem de Delfos. Ele também recebeu quinze talentos para a contratação de mercenários do rei espartano Arquidamo, filho e sucessor de Agesilau. Arquidamo assim agiu porque a captura de Delfos para a anulação de decretos do Conselho Anfictiônico era igualmente do interesse de Esparta, a qual havia sido multada em quinhentos talentos, depois transformados em mil, pelos anfictiônicos por ocupar a acrópole de Tebas quando esta última resistia a sua hegemonia. Sendo assim, os fócios e suas tropas

²⁵ DIODORUS SICULUS, XVI.7.3 - 8.5 e 21.1 - 22.2; AESCHINES, II.70 e III.54; DEMOSTHENES, XV.3; ISOCRATES, V.2 e VIII.16. Ver também ELLIS, *op.cit.*, p. 63 - 68 e p. 73; HAMMOND, *op. cit.*, p. 515 - 516.

²⁶ DIODORUS SICULUS, XVI.3.7, 8.6 - 7 e 22.3. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 68 - 71; HAMMOND, *op. cit.*, p. 539 - 540.

mercenárias, liderados por Filomelo, tomaram Delfos, derrotando os lócrios das proximidades e destruindo as inscrições com os decretos de multa dos anfictiônicos²⁷.

Os tebanos, então, se aliando aos lócrios e aos tessálios, declararam guerra aos fócios. Estes enviaram embaixadas para Esparta e Atenas. Ambas as cidades, com o intuito de manter os tebanos ocupados na Grécia central e de colocar um fim às suas pretensões hegemônicas, se comprometeram a ajudar e juraram aliança. Filomelo também conseguiu reunir um grande exército mercenário fazendo uso dos tesouros do Oráculo. No passado, duas outras Guerras Sagradas haviam sido decretadas, mas nenhuma tomou as proporções que esta tomaria²⁸.

Em meio a esse contexto de guerra entre as cidades-Estado gregas, Filipe não permaneceu quieto nem perdeu oportunidades. Percebendo que a cidade de Metone, última cidade a permanecer aliada de Atenas nas costas da Macedônia, estava sendo usada como base pelos seus inimigos, o rei macedônio parte para conquistá-la em 355 a.C. O cerco deve ter sido difícil, julgando que Filipe perdeu um dos olhos por causa de uma flechada, mas Metone acabou por ser forçada a se render. Em consequência, seus habitantes foram expulsos, a cidade destruída e o seu território distribuído entre os macedônios²⁹.

Em seguida, um pedido de ajuda veio da Liga da Tessália para Filipe. Os tessálios estavam tendo dificuldades em enfrentar Licofron e Peitolau, tiranos da cidade de Feras aliados dos fócios e que estavam empenhados em dominar a Liga de seus conterrâneos. É provável que Filipe já tivesse dado apoio aos tessálios alguns anos antes em sua luta contra os mesmos tiranos, quando requisitado pelos Aleuadas, uma família aristocrática de Larissa. Seja como for, em 353 a.C. o monarca macedônio marchou com seu exército para a Tessália, provavelmente já como aliado de Tebastambém³⁰.

Tomando conhecimento da marcha do rei macedônio, Licofron e Peitolau apelaram para o novo comandante fócio Onomarco (Filomelo havia sido derrotado e morto em uma batalha contra os tebanos em Neon), o qual enviou seu irmão Failo com sete mil soldados. Filipe, porém, os derrotou. Onomarco, então, interrompeu sua campanha na Beócia e marchou

²⁷ DIODORUS SICULUS, XVI.23.1 - 24.5 e 29.2 - 4; JUSTIN, VIII.1. Ver também CARTLEDGE, Paul. *Hellenistic Sparta*, p. 10 - 11. In: _____; SPAWFORTH, Antony. *Hellenistic and Roman Sparta: a tale of two cities*. Londres: Routledge, 2002, 2ª ed., p. 1 - 90; HAMMOND, *op. cit.*, p. 137.

²⁸ DIODORUS SICULUS, XVI.25.1 e 27.3 - 30.1; PAUSANIAS, III.10.3; JUSTIN, VIII.1. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 73 - 75; HAMMOND, *op. cit.*, p. 512 - 513; CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 9 - 10.

²⁹ DIODORUS SICULUS, XVI.31.6 e 34.4 - 5; JUSTIN, VII.6. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 75 - 76; HAMMOND, *op. cit.*, p. 540 - 541.

³⁰ DIODORUS SICULUS, XVI.14.2 e 35.1; PAUSANIAS, X.2.3. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 77 - 78; HAMMOND, *op. cit.*, p. 543

com todas as suas forças para a Tessália, onde foi capaz de impor as duas graves derrotas às forças de Filipe e dos tessálios. Muitos macedônios morreram em combate e pela primeira as fontes mencionam deserções e insubordinação no exército ³¹.

Filipe, no entanto, retornou no ano seguinte. Mais uma vez Licofron e Peitolau pediram ajuda para os fócios e Onamarco marchou em seu apoio com vinte mil soldados de infantaria e quinhentos cavaleiros. Os atenienses também enviaram uma frota em apoio, mas chegaram tarde demais. As forças do monarca macedônio e de seus aliados tessálios somavam três mil em cavalaria e pouco mais de vinte mil em infantaria. Na batalha que se seguiu, provavelmente nas planícies de Crocus, os macedônios e tessálios saíram vitoriosos devido a ação da cavalaria. Mais de seis mil dos soldados e mercenários fócios morreram em batalha, incluindo Onamarco, e cerca de três mil foram capturados ³².

Os tiranos de Feras, incapazes de continuar enfrentando Filipe sem a ajuda da Fócida, entregaram sua cidade para o rei macedônio e receberam permissão para partir. O monarca, que havia sido eleito comandante (*arkhōn* ou *tagos*) da Liga da Tessália durante essa intervenção ou já na do ano anterior, aproveitou a oportunidade para fazer arranjos na região de acordo com seus interesses. Esse era um cargo provavelmente vitalício e de cunho majoritariamente militar, entretanto, além do comando das forças da Liga, o titular do cargo também tinha grande influência sobre suas decisões. Assim, Filipe adquiriu controle sobre a região da Magnésia, Perrabia e sobre o porto de Feras, Págasas. Somando-se a isso, também foram cedidos ao rei os ganhos com as taxas dos portos e mercados de toda a Tessália ³³.

A guerra, no entanto, não havia acabado. Failo, irmão de Onamarco, assumiu o comando dos fócios, lançou mão mais uma vez dos amplos recursos do templo em Delfos e arregimentou novamente um grande exército mercenário. Seus aliados também contribuíram. Os aqueus e os espartanos lhe enviaram dois mil e mil soldados de infantaria, respectivamente. Outros que foram ao seu encontro foram os tiranos exilados de Feras, com seus dois mil mercenários. Assim, quando Filipe tentou prosseguir para o sul através do estreito das Termópilas, ele foi barrado por uma grande força. Na ocasião, Atenas também enviou tropas em número de cinco mil soldados e quinhentos cavaleiros para impedir que o

³¹ DIODORUS SICULUS, XVI.31.3 - 5 e 35.1 - 2; PAUSANIAS, X.2.2. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 78 - 80; HAMMOND, *op. cit.*, p. 542 - 543.

³² DIODORUS SICULUS, XVI.35.3 - 6; JUSTIN, VIII.2. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 82 - 86; HAMMOND, *op. cit.*, p. 543 - 544; CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 11.

³³ DIODORUS SICULUS, XVI.37.3 e 38.1; DEMOSTHENES, I.22; ISOCRATES, V.21. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 83 - 86; HAMMOND, *op. cit.*, p. 544.

monarca macedônio forçasse a passagem. As chances de Filipe conseguir romper tal força em uma boa posição defensiva não eram muito boas. Ele, portanto, se retirou e foi em seguida fazer campanhas entre os seus vizinhos da Trácia, Peônia e Ilíria ³⁴.

2.4 Confrontos no Peloponeso

Durante a ausência de Filipe do cenário grego e a continuação do engajamento tebano na Terceira Guerra Sagrada, Esparta tomou a iniciativa contra seus vizinhos. Depois de fazerem um apelo para a restituição de territórios para várias cidades como forma de conseguirem aliados, mas tendo em mente apenas a recuperação da Messênia, os espartanos se lançaram ao ataque em 351 a.C. Seu alvo inicial era Megalópolis. Em ajuda dos megalopolitanos vieram os messênios, argivos esicianos. Tebas, mesmo em guerra contra seus vizinhos, também enviou quatro mil soldados e quinhentos cavaleiros para lutar pelos seus aliados. Os espartanos, por outro lado, receberam três mil soldados de reforço de Falecos, o novo comande fócio (Failo havia morrido doente), e cento e cinquenta cavaleiros dos tiranos exilados de Feras, Licofron e Peitolau ³⁵.

Tanto Megalópolis e seus aliados como Esparta também requisitaram a ajuda de Atenas. Apesar das instigações de Demóstenes em favor dos megalopolitanos, os atenienses se negaram a fornecer reforços para eles, prometendo ajudar apenas se Esparta invadissem a Messênia. Em termos práticos, portanto, eles permaneceram neutros, não rompendo seu alinhamento com os espartanos ³⁶.

Quanto à campanha iniciada por estes últimos, houve muitos conflitos. Os espartanos inicialmente levaram vantagem. Eles conseguiram tomar a cidade de Ornae, na Argólida, e a cidade de Helisso, na Arcádia, retornando para Esparta em seguida. Com a chegada dos tebanos, no entanto, a relação de forças se equilibrou. Os espartanos foram derrotados na

³⁴ DIODORUS SICULUS, XVI.36.1 e 37.1 - 38.2; DEMOSTHENES, I.13 e XIX.84; JUSTIN, VIII.2. Vertambém CARTLEDGE, *op. cit.*, *ibidem*; ELLIS, *op. cit.*, p. 86 - 87; HAMMOND, *op. cit.*, p. 544.

³⁵ DIODORUS SICULUS, XVI.38.6 e 39.1 - 3; DEMOSTHENES, XVI.16 - 17. Vertambém CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 11 - 12; ELLIS, *op. cit.*, p. 93; HAMMOND, *op. cit.*, 545.

³⁶ DEMOSTHENES, XVI.1, 8 - 9, 25 e 30 - 32; PAUSANIAS, IV.28.1 - 2, VIII.27.9 - 10. Vertambém CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 12; ELLIS, *op. cit.*, p. 93; HAMMOND, *op. cit.*, p. 546.

Arcádia, porém conseguiram uma importante vitória em seguida. Enfim, eles assinaram um armistício com os megalopolitanos e os tebanos se retiraram para a Beócia ³⁷.

2.5 Planos para o outro lado do Egeu

Por volta dessa mesma época, em torno de 352 a.C., o antigo sátrapa da Frígia, Artabase, e seu cunhado, o ródio Memnon, fugiram para a corte de Filipe. Os dois haviam se rebelado contra o Império Persa anteriormente e recebido ajuda de Cares, general ateniense, em 355 a.C. e de Pamenes, general tebano, e seus cinco mil soldados dois anos depois. Eles obtiveram algum sucesso com a ajuda dos gregos, porém, quando não contavam mais com esse apoio, foram derrotados e se retiraram para Pela, por onde permaneceriam por cerca de dez anos ³⁸.

É bastante provável que Filipe tenha sido aconselhado pelo ex-sátrapa e seu cunhado a intervir na Ásia Menor contra o rei persa. E o rei macedônio, se ainda não havia considerado essa possibilidade até então, passou a alimentar a ideia, como ele tornaria explícito após o fim da Terceira Guerra Sagrada. Havia, afinal, consideráveis atrativos envolvidos no plano. O Império Persa, no momento, estava passando dificuldades com a revolta do Egito e logo em seguida teria de sofrer também a revolta da Fenícia e de Chipre. Além disso, e da promessa de ricos botins às custas dos persas, uma campanha como essa renderia ao monarca macedônio muito prestígio perante os gregos, dando a ele a oportunidade de, sob a sua tutela, uni-los contra um inimigo comum, algo que os pan-helenistas não se cansavam de proclamar ³⁹.

2.6A queda da Liga da Calcídica

Enquanto que na Grécia central a Guerra Sagrada se transformava em um conflito de pequenas escaramuças depois da retirada de Filipe, o próximo passo desse monarca a chamar

³⁷ DIODORUS SICULUS, XVI.34.3 e 39.4 – 7. Ver também HAMMOND, *op. cit.*, p. 545.

³⁸ DIODORUS SICULUS, XVI.22.1, 34.1 - 2, 52.1 – 3. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 91 - 92; HAMMOND, *op. cit.*, p. 547.

³⁹ ISOCRATES. IV.3 - 4, V.9, 101 - 102; DIODORUS SICULUS, XVI.40.4 – 5. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 92.

atenção, começando em 349 a.C., foi a destruição da Liga da Calcídica, seus aliados até então. As causas da campanha não são muito claras, mas presume-se que Filipe, além da consciência de que já tinha força suficiente para submeter seus vizinhos ao sudeste, também deve ter tido motivos para desconfiar dos calcídicos. Estes estavam alarmados com o crescimento do seu poder e já haviam buscado se aproximar de Atenas, negociando um tratado de paz com ela. A gota d'água veio quando o monarca macedônio requisitou que a cidade de Olinto lhe entregasse dois meios-irmãos seus, vistos como possíveis pretendentes ao trono, os quais haviam se refugiado lá. A cidade se recusou e a guerra foi declarada ⁴⁰.

A campanha começou com a tomada de fortalezas e ataques a outras cidades da Calcídica, as quais, intimidadas, se viram forçadas a se render. No ano seguinte, Filipe conseguiu tomar o porto de Olinto, Meciberna, por meio de traição. Ele também derrotou os olíntios em duas batalhas campais e deu início ao cerco da cidade. Atenas tentou enviar algum apoio, porém, como a campanha foi efetuada durante uma época de difícil navegação ao norte do Egeu, a ajuda não chegou a tempo. Após várias tentativas de assalto, o monarca macedônio acabou por tomar a cidade, também por meio de traição. A cidade foi saqueada e destruída e seus habitantes, vendidos como escravos. O território da Calcídica foi anexado à Macedônia e provavelmente houve distribuição de terras da região entre os macedônios ⁴¹.

2.70 decreto de Filócrates e o fim da Terceira Guerra Sagrada

A destruição de uma cidade tão importante como Olinto deve ter assustado os gregos, especialmente os atenienses. Filipe agora parecia ter o caminho livre para intervir mais uma vez na Grécia central e talvez até colocar um fim à Guerra Sagrada. Uma vez que ele fizesse isso, Atenas, por ser sua inimiga e aliada dos fócios, estaria seriamente ameaçada de invasão. No entanto, já no período anterior à queda de Olinto e no ano seguinte a esse acontecimento, os atenienses vinham recebendo relatos de que Filipe desejava celebrar a paz e formar uma aliança com a sua cidade. Ainda que tais relatos trouxessem alguma tranquilidade para

⁴⁰ DIODORUS SICULUS, XVI.40.2; DEMOSTHENES, III.6 - 7 e XXIII.107 - 109; JUSTIN, VIII.3. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 81 e p. 93 - 94; HAMMOND, *op. cit.*, p. 548.

⁴¹ DIODORUS SICULUS, XVI.52.9 e 53.1 - 3; JUSTIN, VIII.3. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 94 - 95 e p. 97 - 99; HAMMOND, *op. cit.*, p. 548 - 551.

apopulação ateniense, eles não fizeram com que negociações sobre o assunto fossem imediatamente iniciadas ⁴².

Os atenienses queriam, primeiro, ver se eles poderiam formar uma coalizão entre os gregos que fosse capaz de barrar Filipe caso tentasse avançar sobre a Grécia. Nesse momento, os atenienses também recebiam, pela primeira vez, a notícia da crescente influência do monarca no Peloponeso através de um informante arcádio introduzido na Assembleia por Ésquines, o orador ateniense. A testemunha alegava que o rei da Macedônia cortejava e até mesmo subornava influentes cidadãos da Árcadia. Em vista da situação, Eubolo, um outro político de Atenas, fez passar um decreto que previa o envio de embaixadas para as mais variadas cidades gregas em busca de apoio e alianças contra o Filipe. A Ésquines coube a missão de ir ao Peloponeso. Infelizmente, tem-se notícia apenas da sua embaixada aos arcádios, perante os quais ele discursou em Megalópolis sem conseguir nenhum apoio concreto ⁴³.

Enquanto isso a Guerra Sagrada se prolongava sem definição, com cada um dos lados incapazes de se sobrepôr ao outro. Falecos, o líder fócio, foi retirado do seu cargo sob a acusação de desvio de fundos do Oráculo de Delfos. Em seu lugar foram colocados três comandantes fócios. Quando estes, utilizando cidades fortificadas que haviam tomado do inimigo na própria região da Beócia, conduziram campanhas contra o território adversário, os tebanos requisitaram a ajuda de Filipe. O monarca, longe de estar descontente por ver Tebas reduzida a tal situação, envia apenas poucos homens para não parecer que fazia pouco caso dos seus aliados ou da tomada do templo em Delfos. Com o apoio dessas tropas os tebanos chegaram a conseguir uma vitória perto de Abae, na fronteira da Fócida, porém continuavam incapazes de encerrar a guerra ⁴⁴.

Quando ficou claro para os fócios que uma intervenção em maior escala por parte de Filipe e seu exército era inevitável eles convocaram a ajuda de Atenas e Esparta, oferecendo entregar-lhes Alponos, Trônion e Niceia, postos que controlavam a passagem das Termópilas. Os atenienses convocaram todos seus cidadãos até a idade de quarenta anos e os enviaram com seu general Próxeno e cinquenta trirremes para tomar posse desses postos. Os espartanos

⁴² AESCHINES, II.12 - 17; DEMOSTHENES, XIX.12. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 99 - 100 e p. 106; HAMMOND, *op. cit.*, p. 551.

⁴³ AESCHINES, II.79; DEMOSTHENES, XIX.10 - 11, 303 - 305; DIODORUS SICULUS, XVI.54.1. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 100 - 101.

⁴⁴ DIODORUS SICULUS, XVI.56.3 e 58.1 - 4; PAUSANIAS, X.2.5. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 103 - 104; HAMMOND, *op. cit.*, p. 551.

também enviaram um de seus reis, Arquidamo, e mil hoplitas. No entanto, quando essas forças estavam prontas para ocupar os postos, os fócios se recusaram a entregá-los. Uma mudança repentina de atitude só pode ter ocorrido por causa do retorno de Falecos ao comando dos fócios, o qual provavelmente já estava também em negociações com Filipe ⁴⁵.

Nesse meio tempo, em 346 a.C., os emissários enviados pelos atenienses para os demais gregos por causa do decreto de Eubolo retornaram de mãos vazias. Foi então que ele, Ésquines e mesmo Demóstenes se convenceram que era necessário firmar a paz com a Macedônia. Assim, uma embaixada com dez de seus estadistas, incluindo Demóstenes e Ésquines, foi enviada para estabelecer um acordo com Filipe. Durante as negociações o monarca insistiu para que um tratado de aliança fosse concluído junto com a paz, provavelmente argumentando que ele não desejava a destruição dos fócios, mas a punição dos tebanos e a diminuição do seu poder por meio do restabelecimento das cidades de Téspia e Plateia, anteriormente destruídas por Tebas. Ele também deve ter prometido entregar a Eubeia e Orôpos, na fronteira entre a Beócia e a Ática, para Atenas. Concluída a embaixada, os embaixadores trouxeram de volta para Atenas, junto com as propostas de Filipe, uma carta do monarca endereçada à Assembleia na qual eram apenas sugeridos, sem entrar em detalhes, os benefícios que seriam conferidos aos atenienses caso a paz e a aliança fossem acordados. Conseqüentemente, um decreto, prevendo paz e aliança com Filipe, foi redigido por Filócrates e aprovado pelos atenienses ⁴⁶.

Uma segunda embaixada, então, contando com os mesmo membros, foi enviada pelos atenienses a Pela para receber os juramentos do acordo. Lá havia também embaixadas de vários outros gregos, incluindo os lacedemônios, os tebanos, os tessálios e os fócios. Todos tinham consciência de que o desfecho da Guerra Sagrada estava nas mãos de Filipe e tentavam trazê-lo para o seu lado. O monarca, enquanto se preparava para a sua campanha, mantinha sua aliança com os tebanos e tessálios ao mesmo tempo em que dava garantias aos espartanos, atenienses e fócios que seu objetivo era preservar a Fócida e tolher o poder de Tebas. Os tebanos, suspeitando disso, ficaram alarmados a ponto de convocarem todas suas

⁴⁵ AESCHINES, II.132 - 133 e 135; DEMOSTHENES, XIX.322; DIODORUS SICULUS, XVI.59.1. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 104 - 107; CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 13; HAMMOND, *op. cit.*, p. 551 - 552.

⁴⁶ DEMOSTHENES, XIX.12 - 16 e 40 - 41; AESCHINES, II.18, 45, 79, 119 - 122 e 136; DINARCHUS, I. 28; JUSTIN, VIII.4; XENOPHON, *A History of my Times (Hellenica)* VI.3.1; ISOCRATES, VI.27; DIODORUS SICULUS, XV.46.4 - 6; PAUSANIAS, IX.1.8. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 104 e p. 107 - 113; HAMMOND, *op. cit.*, p. 551 - 553.

forças a permanecerem de prontidão. Ainda assim, Filipe manteve todos os embaixadores consigo enquanto iniciava sua marcha rumo às Termópilas⁴⁷.

Quando chegaram à Tessália, os embaixadores atenienses partiram para sua cidade natal para prestar contas de sua missão a Filipe. Eles informaram mais uma vez sobre as vantagens a serem conferidas sobre Atenas pelo rei macedônio e trouxeram uma carta deste, na qual havia novamente apenas sugestões dessas vantagens, mas nada explicitamente escrito. Ainda assim, os atenienses se alegraram com o relato e as promessas. Portanto, eles ratificaram o tratado de paz e aliança, estendendo essa última à posteridade de Filipe, e baixaram um decreto se prontificando a enviar forças para ajudar caso os fócios não entregassem o templo em Delfos para os anfictiônicos⁴⁸.

Enquanto isso, o monarca macedônio, seu exército e seus aliados tebanos e tessálios já estavam nas Termópilas. Filipe requisitou que os atenienses se juntassem a eles com suas tropas por duas vezes. Porém Demóstenes, opositor do monarca macedônio e contrário à aliança, porém não à paz estabelecida com ele, avivou as suspeitas de seus compatriotas e os instigou a não responderem ao chamado, alegando que os soldados poderiam ser tomados como reféns. Em consequência, os espartanos também começaram a suspeitar das intenções de Filipe e retiraram as forças que tinham mandado anteriormente para a região⁴⁹.

Sem a cooperação de Atenas, os planos que Filipe inicialmente concebera para a Grécia central, preservar a Fócida e enfraquecer Tebas, foram por água abaixo. E agora, pressionado pelas forças tebanas e tessálias nas Termópilas a acabar com a guerra, ele se viu obrigado a tomar uma iniciativa. Logo, ele negociou pela rendição e o salvo-conduto de Falecos e seus mercenários, que ainda estavam bloqueando seu caminho nas Termópilas, e, em seguida, recebeu a rendição geral dos fócios. Tendo, portanto, colocado um fim à Guerra Sagrada sem lutar uma só batalha, ele convocou uma assembleia dos anfictiônicos para determinar o que fazer com a Fócida⁵⁰.

Na assembleia, os representantes de Oeteia, região ao sul da Tessália, chegaram a propor que todos os fócios adultos fossem jogados de cima de penhascos e mortos. É provável

⁴⁷ DEMOSTHENES, IX.11, XIX. 17 - 24 e 76; AESCHINES, II. 136 - 137; JUSTIN, VIII.4. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 113 - 116; CARTLEDGE, *op. cit.*, *ibidem*; HAMMOND, *op. cit.*, 553.

⁴⁸ DEMOSTHENES, XIX.39 - 41 e 48 - 49. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 117; HAMMOND, *op. cit.*, *ibidem*.

⁴⁹ DEMOSTHENES, XIX.34, 50 - 52 e 77; AESCHINES, II. 137; JUSTIN, VIII.4. Ver também ELLIS, *op. cit.*, 116 - 119; HAMMOND, *op. cit.*, p. 553 e p. 554 - 555.

⁵⁰ AESCHINES, II. 140; DEMOSTHENES, VI.14; DIODORUS SICULUS, XVI.59.2 - 4; JUSTIN, VIII.4. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 119 - 120; HAMMOND, *op. cit.*, p. 553.

que outros aliados de Filipe que nutriam grande hostilidade pelos fócios, como os tebanos e os tessálios, tenham tido propostas similares. A influência do rei macedônio, no entanto, pôde moderar um pouco a punição infligida. Ainda assim, todas as cidades da Fócida e suas fortificações foram demolidas e seus habitantes, espalhados por vilarejos e proibidos de adquirir cavalos ou armas. Os fócios também foram excluídos do Conselho Anfictiônico, sendo seus dois votos neste transferidos para Filipe, e de qualquer participação no Oráculo em Delfos, além de serem obrigados a pagar uma multa de sessenta talentos por ano para repor os tesouros do templo. As cidades que eles haviam tomado na Beócia também foram desocupadas, perderam suas fortificações e foram devolvidas aos tebanos⁵¹.

3 A IMPOSIÇÃO DA HEGEMONIA MACEDÔNIA NA GRÉCIA

3.1 Contratempos diplomáticos

Mesmo com todo esse poderio, Filipe nem sempre conseguia tudo o que queria. O que ele havia buscado com a Paz de Filócrates era o estabelecimento de um arranjo na Grécia, com a cooperação de Atenas e a dependência dela em relação a ele, por meio do qual ele pudesse estabilizar a região, impor sua hegemonia e partir para a Ásia Menor com o suporte dos gregos. Graças a Demóstenes e seus partidários o plano havia falhado. Estes não desejavam alinhamento algum com a Macedônia, seja porque acreditavam que o objetivo final de Filipe era subjugar Atenas como ele havia feito com outros aliados ou porque, mesmo que ele não fizesse isso, a cidade ainda ficaria dependente dele. Eles planejavam, portanto, usar a paz como uma proteção a curto prazo, evitando uma ação conjunta dos anfictiônicos contra Atenas, enquanto recuperavam a força de seu Estado e tentavam formar uma coalizão anti-Macedônia entre os demais gregos⁵².

Filipe, por outro lado, ainda insistia em alcançar uma aproximação com Atenas, contando para isso com Ésquines e alguns outros que apoiavam o acordo de

⁵¹ DEMOSTHENES, XIX.141; AESCHINES, II.142; DIODORUS, SICULUS XVI.60.1 - 2; PAUSANIAS, X.3.2. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 120 - 124; CARTLEDGE, *op. cit.*, *ibidem*; HAMMOND, *op. cit.*, p. 554.

⁵² DEMOSTHENES, V.13 - 14 e VIII.43. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 125 - 127; HAMMOND, *op. cit.*, p. 554 - 555.

Filócrates. Portanto, foi com o intuito de reafirmar suas boas intenções que o rei macedônio tornou públicos, logo após o final da Guerra Sagrada, seus planos de fazer uma campanha contra o Império Persa. Seus adversários em Atenas, porém, não cessavam de colocar em dúvida qualquer ação do monarca, afirmando que ele não havia cumprido suas promessas para com a cidade e que conspirava para conquistar todas as cidades-Estado gregas⁵³.

Depois, em 344 a.C., os atenienses enviaram, sem muito sucesso, uma embaixada ao Peloponeso, a qual incluía Demóstenes, para conter a influência de Filipe entre os arcádios, os messênios e os argivos. Isso porque, o desfecho que o rei havia acabado por dar à Guerra Sagrada, mesmo que ele houvesse tentado moderar a vitória sobre os fócios, lhe rendeu grande estima entre esses aliados peloponésios de Tebas, os quais passaram a enxergá-lo como um possível suporte de peso em suas disputas contra os espartanos. Filipe, em resposta, prometeu os ajudar caso eles fossem atacados por Esparta e uma aliança foi firmada entre eles. Ao tomar conhecimento, no entanto, de que os atenienses procuraram se interpor entre ele e seus novos aliados peloponésios, o monarca macedônio, como forma de tentar apaziguar Atenas, enviou para esta última emissários com a proposta de renegociação da Paz de Filócrates em termos que lhes fossem mais agradáveis⁵⁴.

A proposta foi bem recebida pela assembleia ateniense. Entretanto, o partido desfavorável ao acordo conseguiu convencer os atenienses a propor uma emenda que trocava os termos do tratado que estabeleciam que cada um dos lados deveria permanecer em posse das regiões que controlavam quando da ratificação do mesmo por termos que lhes davam a posse de todas as regiões a que tinham direito. Isso daria abertura para que Atenas exigisse praticamente qualquer região sobre as quais ela tinha reivindicações. Filipe jamais poderia aceitar, como Demóstenes e seus partidários bem sabiam. E quando ele recusou, enviando em seguida uma cartapropondo a entrega de Haloneso, uma pequena ilha no norte do Egeu que havia sido tomada de Atenas por piratas, esses oradores aproveitaram a ocasião para levantar mais suspeitas contra Filipe⁵⁵.

Os eventos subsequentes lhes ajudaram com o resto. Filipe marchou para o Épiro em 343 a.C. com o intuito de colocar no trono epirota seu cunhado Alexandre e lhe garantir o

⁵³ DEMOSTHENES, VIII.52; ISOCRATES, V.73 - 74 e *Epistle to Philip, II* III.3. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 127 - 130; HAMMOND, *op. cit.*, p. 554.

⁵⁴ DEMOSTHENES, VI.13, 15, 19 - 26, VII.18 e XIX.261; PAUSANIAS, IV.28.2 e VIII.27.10. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 126 e p. 143 - 144; HAMMOND, *op. cit.*, p. 556 - 557; CARTLEDGE, Paul. *Hellenistic Sparta*, p. 13. In: _____; SPAWFORTH, Antony. *Hellenistic and Roman Sparta: a tale of two cities*. Londres: Routledge, 2002, 2ª ed., p. 1 - 90.

⁵⁵ DEMOSTHENES, VII.2 e 18 - 28. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 144 - 147; HAMMOND, *op. cit.*, p. 557.

controle de algumas cidades da região da Cassópia. Os gregos da Ambrácia, logo ao sul, e da ilha de Leucas ficaram alarmados e provavelmente apelaram para Corinto, sua metrópole, a qual, em consequência buscou ajuda em Atenas. Os atenienses enviaram tropas e embaixadores para a região, porém Filipe jamais invadiu a Ambrácia. Nessa mesma campanha, ele também concluiu uma aliança com os etólios, prometendo-lhes entregar o porto de Naupacto, que estava em mãos aqueias, o que lhe rendeu a desconfiança da Acaia. Os próprios tebanos, aliados de Filipe, também suspeitavam da lealdade do monarca macedônio e se ressentiam ao percebê-lo continuartentando se aproximar de Atenas ⁵⁶.

Em 342 a.C., novas embaixadas atenienses foram enviadas para o Peloponeso. Dessa vez, aparentemente, Atenas foi bem sucedida e conseguiu a aliança de Messene, Argos e as cidades da Arcádia. Isso, entretanto, não significava o fim do alinhamento desses peloponésios com Filipe, que, afinal, ainda era formalmente aliado de Atenas. Ainda assim, Filipe deve ter percebido que Atenas estava disposta a lhe opor e que uma aproximação com ela seria impossível. Sua coalizão anti-Macedônia havia crescido e contava agora com Leucas, Córcira, Corinto, Acaia, Eubeia e Mégara. Enquanto isso, os espartanos, aparentemente indiferentes com os acontecimentos na Grécia continental, despacharam seu rei Arquidamo com um exército para lutar em Creta a pedido dos habitantes de Lictus, uma colônia de Esparta. Em seguida, ele iria para Taranto, outra colônia espartana, no sul da Itália, para enfrentar os lucanos⁵⁷.

3.2 A campanha na Trácia e os cercos de Perinto e Bizâncio

A Pérsia, nesse intervalo, havia reconquistado o controle do Egito, Fenícia e Chipre. Com seu Império reconstituído, ela se apresentava como uma aliada em potencial para Atenas. Além disso, é bem possível que Artaxerxes Ochus, o rei persa, com o retorno de Memnon de Rodes e Artabase do exílio em Pela por intermédio de Mentor, já tivesse algum conhecimento dos planos de Filipe para a Ásia Menor e decidisse tomar alguma precaução.

⁵⁶ DEMOSTHENES, VI.13 - 14, VII.32, IX, 34, 72 e XLVIII.24 - 26; DIODORUS SICULUS, XVI.72.1; JUSTIN, VIII.6. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 147 - 148 e p. 156 - 158; HAMMOND, *op. cit.*, p. 560.

⁵⁷ DEMOSTHENES, IX.72 e XVIII.237; DIODORUS SICULUS, XVI.62.4 - 63.1; PLUTARCH, *Demosthenes* XVII.4. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 158 - 159; CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 13 - 14; HAMMOND, *op. cit.*, p. 560 - 561.

Era extremamente importante para o monarca macedônio, portanto, obter controle dos estreitos na região de Bósforo⁵⁸.

Com esse intuito ele saiu em campanha contra a Trácia ainda em 342 a.C. Não existem muitas informações sobre a campanha, mas ela parece ter sido difícil e repleta de batalhas, envolvendo um grande número de forças macedônicas. Ao final dela, Filipe adquiriu controle total sobre quase toda a região, impôs o pagamento de um tributo, fundou colônias e parece ter indicado um general para governar a Trácia. Durante esse tempo, em 341 a.C., colonos atenienses da região do Quersoneso entraram em conflito com os habitantes da cidade de Cárdia, a única da região que havia sido transformada em aliada de Filipe antes do final da Guerra Sagrada. Filipe primeiro propôs que o assunto fosse levado a arbítrio, mas como os atenienses não aceitaram, ele enviou tropas para ajudar seus aliados⁵⁹.

Tanto a campanha na Trácia como a intervenção no Quersoneso deixaram apreensivas as cidades de Bizâncio e Perinto, ambas aliadas de Filipe. Sendo assim, elas procuram se aproximar de Atenas. Conseqüentemente, Filipe marchou contra Perinto em 340 a.C. e cercou a cidade. Ela parecia que não iria resistir por muito tempo contra as armas e táticas de cerco dos macedônios, que incluíam torres, catapultas, aríetes e escavações subterrâneas para demolir as fortificações. No entanto, os bizantinos e os persas enviaram ajuda na forma de soldados, artilharia e recursos. Em resposta, o rei macedônio dividiu seu exército e marchou contra Bizâncio. Ele pegou a cidade de surpresa, mas mais uma vez foi frustrado em seu intuito pelos reforços fornecidos por Atenas, Quios, Rodes e Cós. Se vendo impossibilitado de tomar as cidades, ele celebrou um acordo de paz com elas e encerrou seus ataques. Os atenienses, por outro lado, foram aconselhados por Demóstenes a declararem guerra⁶⁰.

3.3 A última campanha de Filipe na Grécia

⁵⁸ DIODORUS SICULUS, XVI.40.3 e 52.1 – 4. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 166; HAMMOND, *op. cit.*, p. 561.

⁵⁹ DEMOSTHENES, VIII.2, 6, 13 - 14, 58 e XII.11; DIODORUS SICULUS, XVI.71.1 - 2; ARRIAN, I.25. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 166 - 171; HAMMOND, *op. cit.*, p. 562.

⁶⁰ DIODORUS SICULUS, XVI.74.2 - 77.3; DEMOSTHENES, XI.2, XVIII.76 e 87 - 88; JUSTIN, IX.1; PLUTARCH, *Phocion* XIV.1 – 5. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 174 - 176 e p. 178 - 185; HAMMOND, *op. cit.*, p. 563.

Em 339 a.C., enquanto Filipe, após sua retirada de Bizâncio, ainda fazia uma campanha na Cítia, o Conselho Anfictiônico se reuniu. No encontro, os lócrios da cidade de Anfissa propuseram que Atenas fosse multada em cinquenta talentos devido a um procedimento indevido durante a dedicação a Apolo de escudos retirados dos persas e tebanos nas Guerras Médicas. Um dos representantes de Anfissa chegou a afirmar que os atenienses deveriam ser excluídos do Conselho por causa da sua aliança com os fócios na Guerra Sagrada. É de se esperar que Filipe, mesmo ausente, estivesse por trás dessa acusação, por meio da qual buscava deixar Atenas isolada. Afinal, se ela se recusasse a pagar a multa, uma Guerra Sagrada poderia ser declarada pelos anfictiônicos contra ela ⁶¹.

Em defesa de Atenas, Ésquines discursou perante o Conselho Anfictiônico acusando os habitantes de Anfissa de estarem cultivando no solo sagrado de Cirra, próxima a Delfos, e também de cobrarem taxas no porto adjacente, o qual também era dedicado a Apolo. Em consequência, os delegados do Conselho foram à região no dia seguinte para verificar as contra-acusações e, quando chegaram lá, foram atacados pelos anfisseanos e tiveram que fugir de volta para Delfos. Sendo assim, uma nova reunião extraordinária do Conselho foi marcada logo em seguida, na qual uma Guerra Sagrada, a quarta desse tipo, foi declarada contra Anfissa. Dessa reunião, não participaram Atenas, por conselho de Demóstenes, e Tebas, provavelmente por ser favorável aos anfisseanos. Dos outros anfictiônicos, poucos comprometeram suas forças com a invasão de Anfissa. Ainda assim, esta foi multada e teve alguns de seus cidadãos exilados durante essa operação. No entanto, como os anfisseanos se recusaram a pagar a multa e readmitiram de volta os exilados, na próxima reunião regular do Conselho Anfictiônico, ainda no mesmo ano, o comando de toda a operação foi passada para as mãos de Filipe, o qual acabara de retornar da Cítia ⁶².

Portanto, mais uma vez na condição de comandante dos anfictiônicos, Filipe marchou para o sul. Porém, ao invés de seguir diretamente para Anfissa, que se situava na Lócrida Ózola, a oeste da Fócida, o monarca macedônio marchou para Elateia, a qual ficava na fronteira da Fócida com a Beócia. Tanto os atenienses como os próprios tebanos, temendo uma invasão de seus territórios, ficaram extremamente alarmados com essa aproximação repentina de Filipe. Este, em seguida, enviou uma embaixada para Tebas requisitando que a cidade participasse da campanha ou que, ao menos, deixasse o exército macedônico passar

⁶¹ AESCHINES, III.115 - 118 e 128; DEMOSTHENES, XVIII.143 - 147. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 186 - 187; HAMMOND, *op. cit.*, p. 565.

⁶² AESCHINES, III.118 - 129; DEMOSTHENES, XVIII.149 - 152 e 154 - 155. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 187 - 190; HAMMOND, *op. cit.*, p. 565 - 566.

pelo seu território em direção à Ática. Atenas, por outro lado, enviou seus próprios emissários, Demóstenes entre eles, para solicitar a ajuda dos tebanos contra a Macedônia. Oferecendo o comando das forças em terra para os tebanos e se comprometendo a pagar dois terços dos custos militares, os atenienses conseguiram, enfim, formar uma aliança com Tebas⁶³.

Ambos os lados também enviaram embaixadas para outros gregos em busca de ajuda. Filipe buscou apoio nos seus aliados peloponésios. Estes, porém, isolados no Peloponeso, não poderiam lhe mandar nenhuma ajuda e permaneceram neutros. Já os atenienses e tebanos conseguiram reforços de Leucas, Cócira, Corinto, Acaia, Mégara e Eubeia. E, em 338 a.C., após algumas movimentações de tropas em ambos os lados, em meio às quais Filipe tomou Anfissa, os dois exércitos se enfrentaram em Queroneia⁶⁴.

O exército dos macedônios e seus aliados contava com mais de trinta mil soldados de infantaria e cerca de dois mil cavaleiros. Já o exército grego era superior em números, mas não em qualidade. Na batalha, Filipe, no comando da ala direita do seu exército, promoveu um avanço oblíquo das suas forças, seguido de uma falsa retirada. Isso levou aqueles adversários que estavam exatamente à sua frente, os atenienses, a avançarem desordenadamente. Assim, ele pôde derrotá-los e também criar brechas na linha inimiga, permitindo que Alexandre e a cavalaria dos companheiros, situados na ala esquerda, cercassem os contingentes tebanos e beócios e os dizimassem. O número de mortos ou prisioneiros entre os gregos foi elevado. Dos atenienses apenas, mais de mil morreram e aproximadamente dois mil foram feitos cativos. Conta-se também que no mesmo dia da batalha de Queroneia, o rei Arquidamo de Esparta morreu lutando contra os lucanos na Itália em favor dos tarantinos⁶⁵.

Depois da batalha, Filipe tinha a Grécia continental em seu poder e estava livre para capturar suas cidades, saqueá-las se quisesse e acabar completamente com a sua autonomia, como Demóstenes afirmava que ele desejava fazer. No entanto, o que ele fez foi tentar novamente estabelecer um arranjo estável, de acordo com seus interesses, entre os gregos.

⁶³ AESCHINES, III.142 - 143; DEMOSTHENES, XVIII.152 - 153, 168 - 179 e 211 - 214; DIODORUS SICULUS, XVI.84.1 - 85.4; PLUTARCH, *Demosthenes* XVIII.1 - 4; JUSTIN, IX.3. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 190 - 193; HAMMOND, *op. cit.*, p. 566.

⁶⁴ DEMOSTHENES, XVIII.64, 156 - 157 e 273; PLUTARCH, *Demosthenes* XVII.4; PAUSANIAS, IV.28.2, V.4.9 e VIII.27.10. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 193 - 196; HAMMOND, *op. cit.*, p. 567.

⁶⁵ PLUTARCH, *Demosthenes* XVII.3 e *Alexander* IX.2; DEMOSTHENES, XVIII.264; DIODORUS SICULUS, XVI.85.5 - 86.6 e XVI.88.3; JUSTIN, IX.3. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 197 - 198; HAMMOND, *op. cit.*, p. 567 - 570.

Sendo assim, ele libertou os prisioneiros atenienses sem resgate e enviou de volta com honras os corpos dos mortos, escoltados por Alexandre e Antípatro. Os dois enviados também traziam a notícia de que o monarca desejava celebrar um acordo. Os atenienses enviaram embaixadores de volta para negociar e um tratado de paz e aliança foi celebrado, por meio do qual Atenas perdia sua aliança naval, mas ainda mantinha sua autonomia e a posse das ilhas de Lemnos, Imbros, Ciros e Samos e recuperaria Orôpos dos beócios⁶⁶.

Com Tebas Filipe foi mais duro. A cidade se rendeu e um acordo de paz foi celebrado, mas o rei macedônio extinguiu a democracia tebana e baniu alguns de seus líderes, instalando no poder trezentos tebanos de sua confiança que haviam sido exilados anteriormente e colocando uma guarnição macedônica na acrópole. Os tebanos também foram obrigados a resgatar seus cativos e mortos por meio de pagamento. A Liga da Beócia não foi desmembrada, porém, com a reconstrução das cidades de Orcómeno, Plateia, Téspia e possivelmente outras ela deixava de ser um instrumento para o exercício do poder de Tebas⁶⁷.

Logo após a vitória, parece também ter havido inquietação entre os Acarnânios, possivelmente com a subida ao poder de um grupo pró-Macedônia. Filipe interveio em sua ajuda, exilado alguns líderes e colocado uma guarnição na Ambrácia, assim como ele pode ter feito com a cidade de Cálcis, na Eubeia. Seu próximo passo foi entrar com seu exército no Peloponeso, onde a Acaia, Corinto e Mégara prontamente se renderam a ele. Quase nada se sabe dos arranjos feitos com esses Estados, mas é provável que uma guarnição tenha sido colocada em Corinto para dar suporte aos seus partidários recém-chegados ao poder⁶⁸.

Ainda no Peloponeso, Filipe, em suporte de seus aliados da Arcádia, Argos e Messene, proclamou um ultimato contra Esparta exigindo que ela se ativesse às suas “fronteiras tradicionais” e entregasse aos seus vizinhos territórios disputados entre eles. Os espartanos se recusaram e, então, o monarca macedônio invadiu a Lacônia. Apesar de não ter capturado a

⁶⁶ PAUSANIAS, I.25.3 e 34.1; DEMADES, I.9; JUSTIN, IX.4; DIODORUS SICULUS, XVI.87.1 - 3; POLYBIUS, V.10; ARISTOTLE, *Constituição de Atenas* 62; AESCHINES, III.227; DEMOSTHENES, XVIII.282. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 198 - 199; HAMMOND, *op. cit.*, p. 570.

⁶⁷ DIODORUS SICULUS, XVI.87.3; JUSTIN, IX.4; AELIAN, *Historical Miscellany (Varia Historia)* VI.1; PAUSANIAS, IV.27.10, IX.1.8, 6.2 e 37.8; ARRIAN, I.7. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 199 e p. 201; HAMMOND, *op. cit.*, *ibidem*.

⁶⁸ DIODORUS SICULUS, XVII.3.3; POLYBIUS, XXXVIII.5; AELIAN, *Historical Miscellany (Varia Historia)* VI.1; PLUTARCH, *Aratus* XXIII.4. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 201 - 203.

cidade de Esparta, ele tomou os territórios em questão, entregando a região ao sul de Tireatis para Argos, Ciritis para Tegea, Belamina para Megalópole e Dentalian para Messene⁶⁹.

3.4 O Congresso e a Liga de Corinto

Em seguida, em 337 a.C., Filipe convocou representantes de todos os Estados gregos para um congresso em Corinto. Todos, com a exceção de Esparta, compareceram. No encontro, o rei propôs que uma paz comum fosse celebrada. E quando ela foi efetivada, seguindo a linha de acordos do mesmo tipo instituídos desde a “Paz do Rei (da Persia)” de 387/386 a.C., o princípio de autonomia e liberdade das cidades gregas foi reafirmado⁷⁰.

Mais importante do que isso, no entanto, Filipe desejava a manutenção do *status quo* alcançado após a vitória de Queroneia, em que a maioria dos Estados passou a ser governada por facções pró-Macedônia e guarnições foram colocadas em áreas estratégicas. Sendo assim, não apenas suas guarnições e ajustes territoriais foram mantidos, mas também foi acordado que as constituições em vigor na ocasião da conclusão do tratado deveriam ser mantidas, o que também obrigava os Estados gregos a defenderem o trono de Filipe e seus descendentes, e que ações com intuítos revolucionários seriam ilegais. Todos os que descumprissem os termos do acordo seriam obrigatoriamente alvos de ataques pelo restante dos membros. Para coordenar a cooperação entre os membros, um conselho e o cargo de líder foram instituídos para decidir e fiscalizar os assuntos da Liga, comumente chamada de Liga de Corinto. Tal conselho seria constituído por representantes dos Estados membros em proporção de suas capacidades militares. Já o poder executivo da Liga e o comando das suas tropas seriam tarefas do líder. Não é de se surpreender que esse cargo tenha ficado nas mãos de Filipe⁷¹.

⁶⁹ PAUSANIAS, II.20.1, 38.5, V.4.9, VII.11.1 e VIII.35.4; POLYBIUS, IX.28, 33 e XVIII.14; PLUTARCH, *Moralia* 216a, 218f, 219f, 233e e 235a – b. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 204; CARTLEDGE, Paul. Hellenistic Sparta, p. 14 - 15. In: _____; SPAWFORTH, Antony. *Hellenistic and Roman Sparta: a tale of two cities*. Londres: Routledge, 2002, 2ª ed., p. 1 - 90; HAMMOND, *op. cit.*, p. 571.

⁷⁰ DEMOSTHENES, XVII.8; DIODORUS SICULUS, XVI.89.3; PLUTARCH, *Phocion* XVI.4; JUSTIN, IX.5. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 204 - 205; CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 15; HAMMOND, *op. cit.*, p. 571; RYDER, T. T. B. *Koine Eirene: General Peace and Local Independence in Ancient Greece*. Londres: Oxford University Press, 1965, p. 102.

⁷¹ DEMOSTHENES, XVII.6, 10 e 15 - 16; JUSTIN, IX.5. Ver também ELLIS, *op. cit.*, p. 205 - 206; CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 16 - 18; HAMMOND, *op. cit.*, p. 571 - 572; RYDER, *op. cit.*, p. 102 - 105 e p. 150 - 157.

Filipe também fez questão de expor mais uma vez seus planos de uma campanha contra a Pérsia. A proposta foi aceita e o monarca, como comandante da iminente guerra, estipulou as forças a serem fornecidas por cada membro da Liga. Ele também enviou de antemão uma força de vanguarda comandada por seus generais Parmênion, Amintas e Átalo com a missão de libertar os gregos da costa da Ásia Menor e preparar o terreno para a chegada do exército principal, a ser enviado posteriormente. Filipe havia, enfim, conseguido estabelecer o tipo de arranjo planejado quase dez anos antes. Ele impôs a sua hegemonia entre os gregos, apesar de afirmar a sua liberdade e autonomia, sem a necessidade de uma ocupação vigorosa do território ou uma subjugação extremamente rígida e podia agora se voltar para seus planos em relação ao Oriente. No entanto, ele jamais colocaria seus pés na Ásia ⁷².

4 ESPARTA E A HEGEMONIA MACEDÔNIA SOB ALEXANDRE

4.1 A morte de Filipe e a sucessão de Alexandre

Pouco tempo após o envio da sua força de vanguarda para a Ásia e enquanto preparava a partida do exército principal para a campanha no Oriente, em meados de 336 a.C., Filipe celebrou o casamento de uma de suas filhas, Cleópatra, com o rei do Épiro, seu cunhado Alexandre. Durante a celebração o monarca macedônio foi assassinado por um de seus guarda-costas, Pausânias, no que parece ter sido um caso de vingança pessoal ⁷³.

Seu filho Alexandre, então com apenas vinte anos de idade, subiu ao trono. Muitos dos “aliados” da Macedônia, subestimando o novo monarca por causa da sua idade e imaginando que o reino retornaria ao estado de lutas internas devido à sucessão, pensaram ser este o momento certo para se livrar do jugo estabelecido por Filipe. Havia inquietação não apenas entre os gregos, mas também entre os vizinhos do norte e do leste da Macedônia. Em resposta, em 335 a.C. Alexandre avançou com seu exército rapidamente para o sul após assegurar sua própria sucessão em casa, exigindo primeiro da Liga da Tessália, depois do Conselho

⁷²DIODORUS SICULUS, XVI.89.1 - 3 e 91.2; JUSTIN, IX.5; PLUTARCH, *Phocion* XVI.5. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 204 - 210 e p. 219 - 222; HAMMOND, *op. cit.*, p. 572; RYDER, *op. cit.*, p. 105 - 106.

⁷³DIODORUS SICULUS, XVI.91.4 - 94.4; JUSTIN, IX.6; ARISTOTLE, *Politics* V.1311b. Vertambém ELLIS, *op. cit.*, p. 222 - 227; HAMMOND, *op. cit.*, p. 573; CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 18 - 19; *Idem, Alexander the Great: the hunt for a new past*. Londres: Pan Books, 2005, p. 55.

Anfictiônico e, finalmente, do Conselho da Liga de Corinto o cargo de *hēgemōn*, o qual ele enxergava como sua herança, e o comando na guerra contra a Pérsia. Assustados com o avanço de suas forças, os gregos aquiesceram. Apenas Esparta continuava se recusando a integrar a Liga, reconhecer a hegemonia macedônica e a participar da campanha, agora de Alexandre, na Pérsia, alegando em tom de desrespeito que seu costume era liderar e não ser liderada por um comandante estrangeiro⁷⁴.

4.2 A revolta e a destruição de Tebas

Depois da sua aparição repentina na Grécia, Alexandre se voltou para o norte para lidar com os trácios e ilírios. Enquanto fazia campanhas com sucesso contra esses vizinhos e os forçava a manterem o alinhamento com a Macedônia, rumores chegaram à Grécia de que ele havia falecido na Ilíria. Mais uma vez, portanto, os gregos se animaram com a oportunidade de se rebelarem. Assim, os tebanos receberam de volta alguns dos seus cidadãos exilados por Filipe, mataram os comandantes da guarnição macedônica e cercaramo restante dos soldados na acrópole. Para tanto, eles receberam ajuda de Demóstenes na forma de armamentos, certamente adquiridos com ouro provindo do rei persa, Dario. O orador ateniense também instigava seus concidadãos a se levantarem em revolta⁷⁵.

Tendo notícias dos acontecimentos, Alexandre rapidamente retornou para a Grécia a frente de um exército como *hēgemōn* da Liga de Corinto. Os tebanos, então, apelaram pela ajuda de seus antigos aliados peloponésios, os arcádios, os argivos e os eleatas. Os primeiros chegaram a despachar um exército, mas como o rei macedônio surpreendeu a todos com a velocidade com que alcançou a Beócia, esse exército parou no istmo de Corinto e depois se retirou. A chegada inesperada de Alexandre também assustou os atenienses e os impediu de

⁷⁴ DIODORUS SICULUS, XVII.2.1 - 4.9. É importante notar que Diodoro confunde os papéis dos espartanos e arcádios; JUSTIN, XI.1 e XII.1; ARRIAN, I.1; AESCHINES, III.160; PLUTARCH, *Alexander* XI.1 - 2, XIV.1, *Demosthenes* XXII.1 e Phocion XVI.6. Vertambém HAMMOND, *op. cit.*, p. 596 - 597; CARTLEDGE, Paul. *Alexander the Great: the hunt for a new past*. Londres: Pan Books, 2005, p. 55 - 56; *Idem*, *Hellenistic Sparta*, p. 19. In: _____; SPAWFORTH, Antony. *Hellenistic and Roman Sparta: a tale of two cities*. Londres: Routledge, 2002, 2ª ed., p. 1 - 90.

⁷⁵ ARRIANO, I.1 - 7; DIODORUS SICULUS, XVII.8.1 - 5; JUSTIN, XI.2; PLUTARCH, *Alexander* XI.2 - 3, *Demosthenes* XXIII.1 e Phocion XVII.1; DINARCHUS, I.10 e 18. Vertambém CARTLEDGE, Paul. *Alexander the Great: the hunt for a new past*. Londres: Pan Books, 2005, p. 56 - 57; *Idem*, *Hellenistic Sparta*, p. 19. In: _____; SPAWFORTH, Antony. *Hellenistic and Roman Sparta: a tale of two cities*. Londres: Routledge, 2002, 2ª ed., p. 1 - 90; HAMMOND, *op. cit.*, p. 597 - 599.

tomar qualquer medida. O monarca, enquanto cercava Tebas, ainda deu uma oportunidade para a cidade se render, exigindo a entrega de alguns dos líderes da revolta. Quando os tebanos se recusaram, acusando-o de ser o tirano da Grécia e conclamando todos os gregos, incluindo os que faziam parte do exército da Liga que os cercavam, a abraçar a causa da liberdade, Alexandre se enfureceu e decidiu tomar a cidade ⁷⁶.

Em pouco tempo, sob a pressão do exército inimigo de fora e da guarnição macedônica de dentro da cidade, os tebanos foram derrotados. Mais de seis mil dentre eles pereceram lutando. Quanto ao destino da cidade, Alexandre, sabendo que muitos dos gregos que tomaram parte a seu lado na campanha, como os da Tessália, da Fócida, de Plateia, de Téspia e Orcómeno, eram extremamente hostis à Tebas, deixou que a decisão ficasse a cargo desses aliados. Eles decidiram, portanto, manter a acrópole guarnecida e destruir o restante da cidade, dividindo o território entre si, exceto pelas partes dedicadas aos deuses. Quanto aos habitantes, todos aqueles que não conseguiram fugir ou que foram poupados por Alexandre, cerca de trinta mil, foram vendidos como escravos. A destruição de Tebas também obteve o efeito de chocar o restante dos gregos e fazer se redimir os que se preparavam para se revoltar. Os arcádios, por exemplo, decretaram a morte dos líderes que haviam proposto o envio do exército aos tebanos. Já os atenienses enviaram uma embaixada ao rei macedônio pedindo perdão. Alexandre, ainda assim, exigiu a entrega de alguns generais e oradores da cidade, entre eles Demóstenes e alguns de seus partidários, para serem julgados pelo conselho da Liga de Corinto. Os atenienses se recusaram e enviaram outra embaixada ao monarca, conseguindo enfim fazê-lo desistir do intuito. Alexandre, então, retornou para a Macedônia para terminar os preparativos da campanha contra a Pérsia ⁷⁷.

4.3 O levante de Ágis

No ano seguinte, em 334 a.C., Alexandre partiu para a Ásia. Ele levava consigo cerca de trinta e dois mil soldados de infantaria, incluindo sete mil aliados e cinco mil mercenários

⁷⁶ ARRIAN, I.7; DIODORUS SICULUS, XVII.8.5 - 9.6; JUSTIN, XI.2 - 3; PLUTARCH, *Alexander* XI.4; DINARCHUS, I.18 - 21. Ver também CARTLEDGE, Paul. *Alexander the Great: the hunt for a new past*. Londres: Pan Books, 2005, p. 81 - 82.

⁷⁷ ARRIAN, I.7 - 10; DIODORUS SICULUS, XVII.11.1 - 16.1; JUSTIN, XI.3 - 4; AESCHINES, III.161; PLUTARCH, *Alexander* XI.4 - 6, *Demosthenes* XXIII.2 - 5 e *Phocion* XVII.2 - 5. Ver também CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 57 - 58 e p. 82 - 85; HAMMOND, *op. cit.*, p. 599 - 601.

gregos, e cinco mil cavaleiros, sendo quase metade deles gregos. Ele também contava com cento e sessenta trirremes aliados gregos. Atrás de si, deixou Antipatro como regente da Macedônia, com doze mil soldados e mil e quinhentos cavaleiros macedônios⁷⁸.

Já no começo da campanha, logo após ter derrotado os persas no rio Grânico e enquanto capturava as cidades gregas da Jônia, Alexandre dispensou sua frota aliada. Ele provavelmente não confiava tanto nos gregos. Afinal, havia muito mais deles servindo no exército de Dario, como mercenários, do que no seu. Isso colocou sua retaguarda em perigo, pois o hábil comandante Memnon de Rodes, o mesmo que havia se exilado na corte de Filipe, agora servindo o rei da Pérsia, planejava fazer uso da frota persa para levar a guerra da Ásia para o Egeu e a Grécia. Sendo assim, além de conseguir preservar a acrópole de Halicarnasso, o comandante supremo dos persas no oeste ainda conseguiu tomar as ilhas de Cós, Quios e Lesbos, instalando guarnições nelas. Em 333 a.C., no entanto, ele faleceu doente, sendo substituído no seu comando por Farnabace e Autofradate⁷⁹.

É nesse contexto, com o exército de Alexandre distante e sua retaguarda ameaçada, que os espartanos começaram a buscar o apoio persa para promoverem um levante na Grécia. Eles enviaram, portanto, embaixadores a Dario, os quais foram capturados mais tarde pelas forças de Alexandre em Damasco. Sem conseguir estabelecer contato, o próprio rei espartano Ágis partiu para o encontro dos sucessores de Memnon, estacionados com sua frota na ilha de Sifnos. É provável que neste momento eles tenham recebido notícias da derrota dos persas em Issus. Essa derrota, para infelicidade de Ágis, alterou toda a estratégia persa. Dario não estava mais interessado em transferir a guerra para a Grécia e a Macedônia. Pelo contrário, ele queria agora reunir todas as forças a sua disposição para barrar o avanço de Alexandre⁸⁰.

Portanto, Farnabace foi requisitado para enviar seus mercenários gregos de volta para o rei persa. Logo, sem poder abrir mão de suas forças, os comandantes persas deram ao rei de Esparta apenas trinta talentos e dez trirremes, os quais ele enviou para seu irmão Agesilau em Tênaro, que se tornaria um conhecido mercado de mercenários próximo à costa da Lacônia. De lá, Ágis ordenou que seu irmão partisse para Creta, enquanto ele continuou nas ilhas

⁷⁸ARRIANO, I.11; DIODORUS SICULUS, XVII.17.1 - 5; JUSTINUS, XI.6; PLUTARCH, *Alexander* XV.1. Ver também HAMMOND, *op. cit.*, p. 603.

⁷⁹ARRIANO, I.20, 23 e II.1; DIODORUS SICULUS, XVII.18.2, 22.5, 23.5 - 6, 27.5 - 6 e 29.1 - 4; CURTIUS RUFUS, QUINTUS, III.3.1. Ver também BADIAN, Ernest. Agis III, p. 155 - 156. In: *Collected Papers on Alexander the Great*. Nova Iorque: Routledge, 2012, p. 153 - 173; CARTLEDGE, Paul. *Hellenistic Sparta*, p. 20. In: _____; SPAWFORTH, Antony. *Hellenistic and Roman Sparta: a tale of two cities*. Londres: Routledge, 2002, 2ª ed., p. 1 - 90; HAMMOND, *op. cit.*, p. 605 - 606.

⁸⁰ARRIANO, II.13 e 15; DIODORUS SICULUS, XVII.29.3 e 30.1 - 5; CURTIUS RUFUS, QUINTUS, III.2.1, 13.15 e IV.1.37. Ver também BADIAN, *op. cit.*, p. 156 - 157; CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 20 - 21.

Cíclades, indo depois ao encontro dos persas em Halicarnasso. Nessa altura, em 332 a.C., a frota persa já começava a se desmembrar e a ser derrotada por enviados de Alexandre com a missão de coletar navios e enfrentá-la. Ainda assim, Ágis persistiu no seu intuito e recebeu de Autofradate mais barcos e dinheiro, além de ter coletado oito mil mercenários gregos. Ele partiu em seguida para o encontro de seu irmão em Creta. Seu objetivo ali era recrutar ainda mais mercenários e trazer as cidades da ilha para o seu lado⁸¹.

Alexandre, logo em seguida, enviou mais reforços para combater seus inimigos em Creta. Nesse momento, em 331 a.C., Ágis já teria reunido um bom contingente de homens e mercenários e estava de volta na Lacônia. Ele decidiu, portanto, tomar a iniciativa enquanto a causa dos persas ainda não estava totalmente perdida e ainda era possível esperar ajuda, ou seja, antes da batalha de Gaugamela. Aproveitando-se de uma rebelião na Trácia, os espartanos iniciaram as hostilidades. Eles derrotaram o comandante macedônio Côrrago no Peloponeso e depois apelaram para os gregos se juntarem a eles na luta pela liberdade. Após seu sucesso inicial, Esparta acabou conseguindo formar uma aliança com todos os aqueus, exceto os de Palene, os eleatas e, surpreendentemente, grande parte dos arcádios, com exceção da cidade de Megalópolis. Demóstenes tentou convencer seus cidadãos a apoiarem a causa espartana, ou pelo menos aparentou fazer isso, mas os atenienses se recusaram⁸².

Antípatro, então, concluiu um acordo com o governador rebelde da Trácia e marchou rapidamente com suas forças para o sul. Quando o regente da Macedônia alcançou o Peloponeso, o exército dos rebeldes cercava a cidade de Megalópolis e a sua captura era esperada em breve. Foi então que uma batalha entre eles teve lugar. O exército macedônico e dos aliados da Liga de Corinto somava quarenta mil homens ou mais, enquanto o dos espartanos e seus aliados não deveria passar dos vinte e três, incluindo dez mil mercenários. Ainda assim, a batalha foi bastante disputada. Ao final, entretanto, o peso numérico do exército de macedônios e aliados gregos fez seu efeito e as tropas exaustas comandadas pelos

⁸¹ ARRIAN, II.2, 13 e III.2; CURTIUS RUFUS, QUINTUS, III.3.1, 8.1, IV.1.36, 1.38 - 40 e 5.14 - 22; DIODORUS SICULUS, XVII.48.1. Vertambém BADIAN, *op. cit.*, p. 157 - 159; CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 21; HAMMOND, *op. cit.*, p. 612 e p. 614.

⁸² AESCHINES, III.165 - 167 e 254; DIODORUS SICULUS, XVII.62.1 - 7. Diodoro erroneamente situa a batalha de Megalópolis depois de Gaugamela; CURTIUS RUFUS, QUINTUS, IV.8.15 e VI.1.21; PLUTARCH, *Demosthenes* XXIV.1. Vertambém BADIAN, *op. cit.*, p. 160 - 164; CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 21 - 22; HAMMOND, *op. cit.*, p. 614 e p. 619.

espartanos foram postas em retirada. Ágis morreu combatendo, junto com cerca de cinco mil e trezentos lacedemônios e aliados⁸³.

Terminada a batalha, a punição dos gregos que se aliaram a Esparta, todos signatários da Liga de Corinto, ficou a cargo dos próprios membros da Liga. Assim, tomou-se a decisão, com a aprovação de Alexandre, de condenar os líderes de Tegeia, enquanto que os aqueus e elestas foram forçados a pagar cento e vinte talentos de multa para Megalópolis. É provável que o restante dos arcádios não tenha participado até o fim da revolta e, logo, não foram punidos. Já com os espartanos Antípatro lidou pessoalmente, tomando cinquenta dos mais ilustres cidadãos como reféns. Ainda assim, entretanto, a cidade permaneceu de fora da Liga de Corinto, continuando, teoricamente, independente da esfera de dominação formal da Macedônia⁸⁴.

Após a derrota, a já bastante fragilizada cidade de Esparta parece ter sido retirada de vez da esfera dos grandes acontecimentos do mundo grego e caído na obscuridade. Nem mesmo quando uma vasta coalizão liderada por Atenas e contando com a maior parte dos gregos desde a fronteira com a Macedônia até o Peloponeso, incluindo antigos partidários dos macedônios a exemplo dos tessálios, argivos e messênios, se revoltou contra os macedônios logo após a morte de Alexandre, na chamada Guerra Lamíaca, os espartanos tomaram alguma atitude⁸⁵. Eles permaneceriam assim por um bom tempo até tentarem alcançar um novo lugar ao sol no mundo helenístico que se formava ao seu redor.

5 INTERPRETAÇÕES E CONCLUSÕES

5.1 A estratégia macedônica no Peloponeso

⁸³ AESCHINES, III.165; DINARCHUS, I.34; DIODORUS SICULUS, XVII.62.7 - 63.4; CURTIUS RUFUS QUINTUS, VI.1.1 - 16; JUSTIN, XI.1. Vertambém BADIEN, *op. cit.*, p. 162 - 163, 166 e 168; CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 22 - 24; HAMMOND, *op. cit.*, p. 619.

⁸⁴ DIODORUS SICULUS, XVII.73.5 - 6; CURTIUS RUFUS, QUINTUS, VI.1.17 - 20; PLUTARCH, *Moralia* 240 a - b. Ver também CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 24 - 25; HAMMOND, *op. cit.*, p. 619 - 620. Notar que Hammond afirma, de maneira inconsistente, que Esparta teria sido incorporada à Liga de Corinto.

⁸⁵ DIODORUS SICULUS, XVIII.9.1 - 11.2; JUSTIN, XIII.5. Vertambém CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 25 - 26; HAMMOND, *op. cit.*, p. 647.

Uma vez que os fatos estão satisfatoriamente estabelecidos, as explicações propostas no início desse trabalho podem ser feitas. Pode-se perceber, portanto, que a derrota de Esparta na batalha de Leuctra não apenas acabou com o mito da invencibilidade espartana como também pôs um fim a sua supremacia na Grécia e no Peloponeso. Seus vizinhos, logo após a vitória, começaram a se organizar contra ela. Os tebanos, se aproveitando da situação e à pedido desses mesmo vizinhos, invadiram a região e o território da Lacônia. Durante essa ocasião, como já foi descrito, o general e estadista tebano Epaminondas enfraqueceu Esparta em benefício dos seus vizinhos, fundando as cidades de Messene e Megalópolis e reorganizando Mantinea.

É interessante notar que nessa invasão do Peloponeso, como nas seguintes, o líder tebano não tenha feito esforços para capturar a própria cidade de Esparta. Não há dúvidas de que isso estava ao seu alcance. Afinal, ele possuía um exército maior e mais eficiente, enquanto os espartanos sofriam uma carência aguda no número de cidadãos e, apesar dos eventuais reforços externos recebidos, nem mesmo possuíam muros ou outros tipos de defesas. Essa decisão nos indica algo sobre os planos de Epaminondas para a região. É certo, e ele deveria estar consciente disso, que uma Esparta inconquistada, mesmo que debilitada, continuaria hostil à Tebas e, especialmente, aos seus vizinhos. E os tebanos, desse modo, acabariam por ter de fazer outras intervenções na região, mesmo bem posteriormente, para ajudar seus aliados peloponésios.

Epaminondas, portanto, não apenas devia estar consciente disso, mas contava com isso. E quando se percebe que a hostilidade espartana foi essencial para que grande parte dos peloponésios, principalmente os argivos, messênios e arcádios, continuassem aliados à Tebas, pelo menos até a Terceira Guerra Sagrada, podemos compreender quais eram suas intenções. Enfraquecer e isolar Esparta, portanto, mas mantendo-a independente, era essencial para que os demais peloponésios, antes presas fáceis dos espartanos, persistissem enxergando os tebanos como os garantidores da sua recém-adquirida liberdade e, conseqüentemente, para que a influência de Tebas no Peloponeso fosse garantida.

Nesse sentido, Filipe parece ter, de fato, aprendido muito com os tebanos. Nos primeiros anos de seu reinado, obviamente, ele não devia ter quaisquer pretensões sobre essa península no sul da Grécia continental. Sua conduta e suas preocupações estavam necessariamente voltadas para a sua própria consolidação no trono e a defesa da Macedônia

de seus vizinhos ⁸⁶. No entanto, quando o monarca, já forte o suficiente, interveio na Guerra Sagrada e procurou encerrá-la, ele teve de lidar também com os gregos do Peloponeso.

Filipe já vinha buscando, como foi dito, estabelecer sua influência na região, em especial entre os arcádios e provavelmente com os outros vizinhos de Esparta também. É durante o desfecho da Terceira Guerra Sagrada e os anos subsequentes, entretanto, que suas intenções se tornam claras. Ele derrotou os fócios em favor dos tebanos e, ao passar a ser visto com estima pelos peloponésios vizinhos de Esparta, se aliou a eles e prometeu ajudá-los caso os espartanos os ataquem.

É claro que, pode-se alegar, o final da Guerra Sagrada não saiu bem como Filipe planejava. Ele buscava um arranjo diferente para os gregos. Ao invés de beneficiar Tebas, queria enfraquecê-la e buscar a cooperação de Atenas. Foi nesse sentido que ele deu garantias de suas boas intenções não apenas para os atenienses, mas também para seus aliados na ocasião, os fócios e os espartanos. Teria o rei macedônio, portanto, favorecido Esparta ao invés de seus vizinhos caso o desfecho da guerra saísse como planejado? Ou, formulando de outra forma já que não se tem pretensões de fazer uma história contrafactual, seria a aliança entre os peloponésios do entorno de Esparta e a Macedônia apenas uma consequência do encerramento não inteiramente intencional imposto por Filipe à Guerra Sagrada?

A resposta é não. Provavelmente, Filipe buscava a aproximação com Atenas por ser ela uma potência marítima e ele não ter pretensões navais. Seria possível, dessa forma, se valer da cooperação de uma cidade como essa, caso ela aceitasse o papel de subordinação e dependência, para estabilizar a Grécia sob a hegemonia macedônica e partir para a Ásia ⁸⁷. Não se pode dizer o mesmo de Esparta. Nem mesmo os atenienses, até então aliados dos espartanos, estavam interessados em apoiar os espartanos contra os seus vizinhos. Eles, afinal, também se beneficiavam largamente do enfraquecimento da antiga rival, como o próprio Demóstenes afirmou ⁸⁸. Sendo assim, pode-se dizer que mesmo que Filipe tivesse conseguido o arranjo que desejava e o alinhamento com Atenas, Esparta ainda não teria recebido o apoio de nenhum dos dois. O fato do monarca macedônio já estar cortejando os outros peloponésios desde antes também é indicativo disso.

⁸⁶ Ver ELLIS, J.R. *Philip II and Macedonian Imperialism*. Princeton: Princeton University Press, 1986, p. 9 e 47.

⁸⁷ Ver ELLIS, *op. cit.*, p. 101 e p. 126.

⁸⁸ DEMOSTHENES, XVI. 4 - 5.

Uma vez estabelecida, portanto, as alianças com os argivos, messênios e arcádios, Filipe segue os passos de Epaminondas e busca garantir essas alianças e a boa-vontade dos peloponésios em relação a ele através da hostilidade dos espartanos. Prova disso é que, após ter vencido a batalha de Queroneia, ele invade o Peloponeso e a Lacônia, enfraquecendo ainda mais Esparta em prol de seus vizinhos ao distribuir territórios fronteiriços da primeira entre os segundos. Mais uma vez, porém, a cidade não foi tomada, apesar de os macedônios poderem o fazer sem a menor dificuldade. E quando Esparta se negou a integrar a Liga de Corinto, como já era esperado após a humilhação da redefinição de suas fronteiras, Filipe a deixou isolada e independente. Isso para continuarse valendo dela para manter seus aliados na região dependentes dele em relação à sua segurança e também como forma de propagandear que a entrada na Liga era voluntária ⁸⁹.

Alexandre, quando assumiu o trono de Filipe, declarou que o rei havia mudado apenas no nome e que ele continuaria a governar de acordo com os mesmos princípios de seu pai ⁹⁰. Mesmo que ele tenha se afastado bastante disso ao longo do seu reinado, essa afirmação ainda é válida para o começo de seu governo, especialmente em sua política em relação à Esparta. Afinal, ele não interferiu na cidade antes de sua partida para a Ásia e aceitou passivamente a recusa dos espartanos em segui-lo na expedição, embora ele tenha deixado tropas com Antípatro para garantir sua retaguarda.

O jovem rei também se engajou em propaganda anti-espartana, visando evidenciar ainda mais o isolamento dos lacedemônios. Logo após vencer os persas na batalha do rio Grânico, Alexandre enviou para Atenas trezentos escudos tomados dos adversários vencidos, uma clara referência aos trezentos espartanos mortos combatendo os persas nas Termópilas, com a seguinte inscrição: “Alexandre, filho de Filipe, e os Gregos (exceto os Lacedemônios) dedicam esses espólios tomados dos Persas que habitam a Ásia” ⁹¹.

⁸⁹VerBADIAN, Ernest. Agis III, p. 155 - 156. In: *Collected Papers on Alexander the Great*. Nova Iorque: Routledge, 2012, p. 153 - 173; ELLIS, *op. cit.*, p. 204 e nota 125 p. 298; CARTLEDGE, Paul. Hellenistic Sparta, p. 14 e p. 18. In: _____; SPAWFORTH, Antony. *Hellenistic and Roman Sparta: a tale of two cities*. Londres: Routledge, 2002, 2ª ed., p. 1 - 90; *Idem, Alexander the Great: the hunt for a new past*. Londres: Pan Books, 2005, p. 95 - 96.

⁹⁰ DIODORUS SICULUS, XVII.2.2.

⁹¹ARRIAN, I.16. Em inglês: “Alexander, son of Philip, and the Greeks (except the Lacedaemonians) dedicate this spoils, taken from the Persians who dwell in Asia”; PLUTARCH, *Alexander* XVI.8. Plutarco apresenta uma versão similar, apesar de pequenas diferenças. Ver também CARTLEDGE, Paul. *Alexander the Great: the hunt for a new past*. Londres: Pan Books, 2005, p. 96; HAMMOND, N. G. L. *A History of Greece to 322 B.C.* Nova Iorque; Oxford University Press, 1959, 3ª ed., p. 605.

E, nem mesmo quando Antípatro liquidou o levante encabeçado pelo rei espartano Ágis, Alexandre fez questão de incorporar Esparta à Liga de Corinto. Usar os espartanos como peões diplomáticos era muito mais vantajoso do que submetê-los. Ainda que isso, por si só, não tenha sido suficiente para manter muitos dos peloponésios subservientes após a morte de Alexandre, a prova do sucesso dessa política de isolamento de Esparta pode ser observada quando se constata que ela foi uma das poucas cidades a se manter de fora da Guerra Lamíaca. Na verdade, ela permaneceria à parte dos eventos relevantes na Grécia por muitos anos.

5.2 Esparta em face do isolamento

Enquanto a vitória tebana em Leuctra trouxe ares de liberdade para os vizinhos de Esparta no Peloponeso, ela despertou nos espartanos apenas a obsessão em recuperar a proeminência e os territórios perdidos, especialmente a região da Messênia. Afinal, como afirmou um contemporâneo bastante familiarizado com a cidade e suas ideias, “eles nunca iriam aceitar a perda de Messene – a terra passada a eles pelos seus pais”⁹². E, de fato, apesar da crise social que a cidade enfrentava, a política espartana posterior giraria em torno dessa questão, de tal forma que ela chegou até mesmo a ser chamada de “irredentista”⁹³.

Além de prestar serviços mercenários como forma de captação de recursos para a luta contra seus vizinhos, os espartanos viram uma boa chance de fazer avançar sua causa com a deflagração da Guerra Sagrada. Nada melhor do que uma guerra entre a Fócida e Tebas para manter esta última ocupada e impedi-la de se intrometer nos assuntos de Peloponeso em favor dos inimigos de Esparta⁹⁴. Tais considerações, junto com a enorme multa decretada pelo Conselho Anfictiônico sob influência dos tebanos, foram o que levaram os espartanos a se colocarem ao lado dos fócios no conflito.

No entanto, a Guerra Sagrada não foi suficiente para impedir Tebas de ajudar seus aliados peloponésios quando os espartanos lançaram sua ofensiva. Atenas, que se alinhara com Esparta durante a primeira invasão tebana do Peloponeso, revelou os limites de sua aliança quando nem mesmo se prontificou a enviar reforços. A campanha, portanto, não foi

⁹²XENOPHON, *A History of my Times (Hellenica)* VII.4.9. Em inglês: “[...] they would never submit to the loss of Messene – the land handed down to them by their fathers”.

⁹³Ver CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 8 e p. 12.

⁹⁴Ver CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 10.

um sucesso. Intransigentes até o fim, os espartanos ainda tentaram precariamente impedir o final da Guerra Sagrada enviando algumas tropas para defender as Termópilas, junto com os atenienses, de Filipe. Quando essas esperanças se mostraram infundadas, eles, por sua vez, imaginaram de poder negociar com o rei macedônio e fazê-lo um aliado da cidade, apenas para perceberem logo depois que não tinham a menor chance.

Filipe, então, se aliou aos vizinhos de Esparta e prometeu defendê-los. A decepção dos espartanos deve ter sido ainda maior quando Atenas, até então sua aliada, buscou também se aproximar dos messênios, arcádios e argivos ao tentar formar uma coalizão anti-Macedônia. Não é de se surpreender, dessa forma, que enquanto essa coalizão aumentava e quando enfim combateu os macedônios em Queroneia, Esparta, agora completamente isolada, estava ocupada em enviar um de seus reis para lutar como mercenário em Creta e na Itália. Pode-se alegar que com a cidade cercada por outras cidades hostis seria praticamente impossível enviar tropas para combater na Grécia central, mas os espartanos conseguiram superar esses obstáculos quando tinham interesse em ajudar os fócios na Guerra Sagrada. A verdade, portanto, é que buscar uma aproximação com os inimigos peloponésios de Esparta, especialmente os messênios, automaticamente trazia o afastamento e o encerramento de boas relações com os espartanos ⁹⁵.

A partir disso, pode-se até mesmo dizer que mesmo que Filipe não tivesse invadido a Lacônia após a batalha de Queroneia Esparta provavelmente ainda teria permanecido de fora da Liga de Corinto. O simples fato de o rei macedônio ser aliado de Messene e aceitar sua integração na Liga já seria suficiente para afastar os espartanos, como já os havia afastado do acordo de paz comum de 362 a.C. Seja como for, quando seu território foi invadido, Esparta não tinha a menor chance de fazer frente sozinha à Macedônia. Sua única opção era aceitar a humilhação presente e esperar por uma melhor oportunidade futura para agir.

Essa oportunidade veio quando Alexandre estava em campanha contra o Império Persa. O resultado desta ainda era incerto no momento e os persas estavam dispostos a prestar alguma ajuda para desestabilizar a retaguarda macedônica. Além disso, com o monarca macedônio e seu exército na Ásia, seria possível esperar o reforço de outros gregos não conformados com a hegemonia macedônica. Assim, após um sucesso inicial no Peloponeso, Esparta conseguiu o apoio das cidades aqueias, exceto o de Palene, de Eleia e de grande parte dos membros da Liga da Arcádia, incluindo Tegeia, com a qual fazia fronteira.

⁹⁵Ver HAMMOND, *op. cit.*, p. 561.

Apesar disso, mesmo aqui é possível perceber sinais do isolamento espartano. Quando Antípatro veio ao Peloponeso combater a revolta, o exército comandado por Ágis somava entre vinte e trinta mil homens, incluindo cerca de dez mil mercenários. Já o dos macedônios e seus aliados contava quarenta mil ou mais. Como Alexandre havia deixado apenas treze mil e quinhentos soldados macedônios com o regente quando partiu para o Oriente, é possível afirmar que havia mais cidadãos gregos lutando no exército macedônico do que no dos próprios rebeldes gregos. O que isso significa é que para grande parte das cidades gregas uma hegemonia macedônica era preferível a uma espartana, ou mesmo, que era melhor do que lutar com Esparta pela liberdade⁹⁶.

Ainda assim, há quem defenda uma interpretação contrária. Alegando que o número de novos recrutas macedônios para integrarem o exército de Antípatro poderia ser enorme e que, conseqüentemente, não havia mais gregos lutando no lado macedônico, pretende-se defender Esparta da acusação de que ela era vista com desconfiança pela maior parte dos gregos⁹⁷. Essa tese, no entanto, não parece ser muito consistente. Isso porque o apoio recebido por Esparta foi bastante limitado. Ele se limitou a alguns Estados peloponésios, nem mesmo a grande maioria destes. Fora do Peloponeso, não houve qualquer demonstração concreta de simpatia, mas sim o contrário, como a recusa de Atenas em ajudar bem demonstra. Muitos Estados, como ela, devem ter permanecido quietos. Logo, mesmo que se admita que não havia mais gregos lutando por Antípatro, a indiferença dos gregos fora do Peloponeso ao levante, ao contrário do que aconteceu na Guerra Lamíaca, e a hostilidade de alguns dentro é um claro sinal da baixa estima e do desprezo deles em relação à Esparta.

Nesse aspecto, nós podemos confiar em Isócrates quando afirma que os espartanos eram “odiados pela maioria dos Gregos”⁹⁸. Certamente tal sentimento estava ligado a desastrosa experiência da hegemonia espartana anterior à batalha de Leuctra, quando os espartanos afirmavam estar libertando os gregos da dominação ateniense, porém acabaram por colocar rígidos governadores e guarnições em diversas cidades ou levaram ao poder cruéis oligarquias de cidadãos para governar em seu favor. A agressividade de Esparta certamente

⁹⁶Ver CARTLEDGE, *op. cit.*, p. 23. *Idem*, *Alexander the Great: the hunt for a new past*. Londres: Pan Books, 2005, p. 97.

⁹⁷Ver BADIAN, Ernest. Agis III: revisions and reflections, p. 338 - 344. In: *Collected Papers on Alexander the Great*. Nova Iorque: Routledge, 2012, p. 338 - 364.

⁹⁸ ISOCRATES, V.49. Em inglês: “[...] are hated by most of the Hellenes”.

era muito maior em relação aos seus vizinhos, contra os quais combatia e forçava a se submeterem havia séculos ⁹⁹.

Ecoss dessa opressão de Esparta em relação aos seus vizinhos e para com os demais gregos após a Guerra do Peloponeso ainda sobreviveriam na memória da Grécia por muitos séculos. Ainda no tempo de Pausânias os messênios acusavam os espartanos de terem sido sempre avarentos por território ¹⁰⁰, Plutarco afirmava que desde o primeiro momento a supremacia espartana na Grécia “foi dura e desgostosa”¹⁰¹ e Diodoro alegava que eles procuraram realizar “projetos injustos às custas de seus aliados” ¹⁰². E a intransigência e obsessão espartana em recuperar seus domínios no Peloponeso e sua antiga proeminência na Grécia após a terem perdido não ajudava a melhorar essa imagem. Assim, a cidade ainda continuaria afastada politicamente das demais cidades gregas do continente mesmo após a morte de Alexandre e o colapso da Liga de Corinto.

O isolamento, a ansia em recuperar seu antigo status de potência na Grécia, a fraqueza e a crise interna do Estado e mesmo os confrontos com a Macedônia seriam todos problemas que Esparta continuaria enfrentando durante boa parte do período helenístico e para os quais diversas soluções acabariam sendo buscadas. Tradicionalista como era, essa foi a trajetória de uma cidade inconformada com o presente e com os olhos sempre presos no passado.

⁹⁹ XENOPHON, *A History of my Times (Hellenica)* II.2.1 - 2, 3.6 - 7, 11 - 14 e 4.2; DIODORUS SICULUS, XIV.3.2 - 4.4 e 10.1 - 2; ISOCRATES, V.51; PAUSANIAS, IV.5.4. Ver também HAMMOND, *op. cit.*, p. 438 - 442 e p. 497 - 498

¹⁰⁰ PAUSANIAS, IV.5.1 - 3.

¹⁰¹ PLUTARCH, *Lysander* XIII.5. Em inglês: “[...] was harsh and bitter [...]”.

¹⁰² DIODORUS SICULUS, XIV.2.1. Em inglês: “[...] unjust projects at the expense of their allies”.

Referências

Fontes

AELIAN.*Historical Miscellany (VariaHistoria)*.Cambridge: Harvard University Press, 1997.Tradução: N. G. Wilson.

AESCHINES.*The Speech on the Embassy* (II).Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0002%3Aspeech%3D2>. Tradução: Charles Darwin Adams (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____.*AgainstCtesiphon* (III). Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0002%3Aspeech%3D3>. Tradução: Charles Darwin Adams (acessado pela última vez em 26/05/2014).

ARISTOTLE. *Politics*. Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0058%3Abook%3D1>. Tradução: H. Rackham(acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____.*Constituição de Atenas*. São Paulo: EDIPRO, 2012. Tradução: Edson Bini.

ARRIAN.The campaigns of Alexander.Londres: Penguin Books, 2ª ed., 1971. Tradução: Aubrey de Sélincourt.

CURTIUS RUFUS, QUINTUS. *The History of Alexander*.Londres: Penguin Books, 3ª ed., 2004. Tradução: John Yardley.

DEMADES.*On the Twelve Years*(I). Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0066>. Tradução: J. O. Burt (acessado pela última vez em 26/05/2014).

DEMOSTHENES. *FirstOlynthiac* (I). Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0070:speech=1>. Tradução: J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *SecondOlynthiac* (II). Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0070%3Aspeech%3D2>. Tradução: J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *ThirdOlynthiac* (III). Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0070%3Aspeech%3D3>. Tradução: J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *Onthe Peace* (V). Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0070:speech=5>. Tradução: J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *SecondPhilippic* (VI). Disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0070%3Aspeech%3D6>. Tradução: J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *OnHalonnesus* (VII). Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0070%3Aspeech%3D7>. Tradução: J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *OntheChersonese* (VIII). Disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0070%3Aspeech%3D8>. Tradução: J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *ThirdPhilippic* (IX). Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0070%3Aspeech%3D9>. Tradução: J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *AnswertoPhilip'sLetter* (XI). Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0072%3Aspeech%3D11>. Tradução: C. A. Vince e J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *Philip'sLetter* (XII). Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0072%3Aspeech%3D12>. Tradução: C. A. Vince e J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *For the Liberty of the Rhodians* (XV). Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0072%3Aspeech%3D15>. Tradução: C. A. Vince e J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *For the People of Megalopolis* (XVI). Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0072%3Aspeech%3D16>. Tradução: C. A. Vince e J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *On the Treaty with Alexander* (XVII). Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0072%3Aspeech%3D17>. Tradução: C. A. Vince e J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *On the Crown* (XVIII). Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0072%3Aspeech%3D18&force=y>. Tradução: C. A. Vince e J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *OntheEmbassy* (XIX). Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0072%3Aspeech%3D19&force=y>. Tradução: C. A. Vince e J. H. Vince (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *AgainstAristocrates* (XXIII). Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0074%3Aspeech%3D23>. Tradução: A. T. Murray (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *AgainstOlympiodorus* (XLVIII). Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0078%3Aspeech%3D48>. Tradução: A. T. Murray (acessado pela última vez em 26/05/2014).

DINARCHUS. *Against Demosthenes* (I). Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0082:speech=1>.
 Tradução: J. O. Burt (acessado pela última vez em 26/05/2014).

DIODORUS SICULUS. *Library of History*. Cambridge: Harvard University Press, 1954, v. VI. Tradução: C. H. Oldfather.

_____. *Library of History*. Cambridge: Harvard University Press, 1952, v. VII. Tradução: Charles L. Sherman.

_____. *Library of History*. Cambridge: Harvard University Press, 1963, v. VIII. Tradução: C. Bradford Welles.

_____. *Library of History*. Cambridge: Harvard University Press, 1947, v. IX. Tradução: Russel M. Geer.

ISOCRATES. *Panegyricus* (IV). Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0144%3Aspeech%3D4>. Tradução: George Norlin (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *To Philip* (V). Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0144%3Aspeech%3D5>. Tradução: George Norlin (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *Archidamus* (VI). Disponível em:
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0144:speech=6>.
 Tradução : George Norlin (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *On the Peace* (VIII). Disponível em
[:http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0144%3Aspeech%3D8](http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0144%3Aspeech%3D8). Tradução: George Norlin (acessado pela última vez em 26/05/2014).

_____. *Epistole to Philip, II* (III). Disponível em: <http://perseus.uchicago.edu/perseus/cgi/citequery3.pl?dbname=GreekFeb2011&getid=1&query=Isoc.%20Ep.%203> (acessado pela última vez em 26/05/2014).

JUSTIN. *History of the World extracted from Trogus Pompeius*. In: *Justin, Cornelius Nepos and Eutropius: literally translated, with notes and a general index*. Londres: Henry G. Bohn, 1853, p. 17 – 296. Tradução: Rev. John Selby Watson.

PAUSANIAS. *Guide to Greece*. Londres: Penguin Books, 2ª ed., 1979, 2 v. Tradução: Peter Levi.

PLUTARCH. *Lysander*. In: _____. *Lives*. Cambridge: Harvard University Press, 1916, v. IV, p. 233 – 321. Tradução: Bernadotte Perrin.

_____. *Aratus*. In: _____. *Lives*. Cambridge: Harvard University Press, 1926, v. XI, p. 1 – 125. Tradução: Bernadotte Perrin.

_____. *Agesilaus*. In: _____. *Lives*. Cambridge: Harvard University Press, 1917, v. V, p. 1 – 113. Tradução: Bernadotte Perrin.

_____. *Pelopidas*. In: _____. *Lives*. Cambridge: Harvard University Press, 1917, v. V, p. 339 – 433. Tradução: Bernadotte Perrin.

_____. Demosthenes. In: _____. *Lives*. Cambridge: Harvard University Press, 1919, v. VII, p. 1 – 79. Tradução: Bernadotte Perrin.

_____. Alexander. In: _____. *Lives*. Cambridge: Harvard University Press, 1919, v. VII, p. 223 – 439. Tradução: Bernadotte Perrin.

_____. Phocion. In: _____. *Lives*. Cambridge: Harvard University Press, 1919, v. VIII, p. 143 – 233. Tradução: Bernadotte Perrin.

_____. Sayings of the Spartans (ApophthegmataLaconica). In: _____. *Moralia*. Cambridge: Harvard University Press, 1931, v. III, p. 239 – 421. Tradução: Frank Cole Babbitt.

_____. The Ancient Customs of the Spartans (InstitutaLaconica). In: _____. *Moralia*. Cambridge: Harvard University Press, 1931, v. III, p. 423 – 449. Tradução: Frank Cole Babbitt.

POLYBIUS. *Histories*. Disponível em:

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0234%3Abook%3D1&force=y>. Tradução: Evelyn S. Schuckburgh (acessado pela última vez em 26/05/2014).

XENOPHON. *Agesilaus*. Gloucester: Dodo Press, 2007. Tradução: Henry G. Dakyns.

_____. *A History of my Times (Hellenica)*. Londres: Penguin Books, 2ª ed., 1979. Tradução: Rex Warner.

Bibliografia

BADIAN, Ernest. Agis III. In: *Collected Papers on Alexander the Great*. Nova Iorque: Routledge, 2012, p. 153 – 173.

_____. Agis III: revisions and reflections. In: *Collected Papers on Alexander the Great*. Nova Iorque: Routledge, 2012, p. 338 – 364.

CARTLEGE, Paul. *Alexander the Great: the hunt for a new past*. Londres: Pan Books.

_____. (org.). *Grécia Antiga*. São Paulo: Ediouro, 2009, 2ª ed.

_____. Helenistic Sparta. In: _____; SPAWFORTH, Antony. *Hellenistic and Roman Sparta: a tale of two cities*. Londres: Routledge, 2002, 2ª ed., p. 1 – 90.

ELLIS, J.R. *Philip II and Macedonian Imperialism*. Princeton: Princeton University Press, 1986.

HAMMOND, N. G. L. *A History of Greece to 322 B.C.* Nova Iorque: Oxford University Press, 1959, 3ª ed.

RYDER, T. T. B. *KoineEirene: General Peace and Local Independence in Ancient Greece*. Londres: Oxford University Press, 1965.

SAGE, Michael M. *Warfare in Ancient Greece: a sourcebook*. Nova Iorque: Routledge, 1996.

Declaração de Autenticidade

Eu, Paulo Augusto Naoum Sousa, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *Estranha oposição: o relacionamento diplomático e militar entre Esparta e a Macedônia durante os reinados de Filipe II e Alexandre III* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

03/06/2014

Data

Paulo Augusto N. Sousa

Paulo Augusto Naoum Sousa